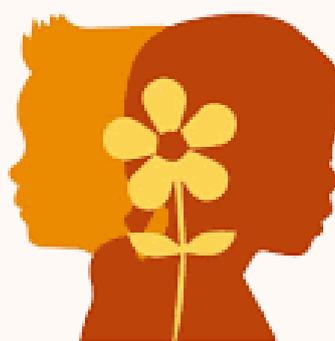


CARTILHA DE PRÁTICAS GRUPAIS E INSTRUMENTOS DIALÓGICOS

PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES



"Faça bonito.
Proteja nossas crianças e
adolescentes"



MAIO
LARANJA

AUTORES/AS

ALICE VEIGA
ADRIANA GONÇALVES
ALINE CORREIA MACHADO
AMANDA DARTORA DENES
ANA CAROLINE LAURINDO
ANA CLARA NORA BILIBIO
ANA DJULIA SAGGIORATO LAZARIN
ANA PAULA DAVID
ANDRIELI SILVEIRA PRONOBI
BIANCA MARIA DENDENA
BIANCA RODRIGUES KOPHAL
BRUNA GABRIELA REZENDO ROSA
BRUNA KAROLINA MANSKE
BRUNA VITÓRIA STADNIK ZUMMACH
CAMILA FEDRIGO
CAMILA MARIA DARABAS MULLER
CAMILLA BATISTELLA
CAMILLA DE MOURA CONTER
CAMILLE DA SILVA CASSOL
CHAIANE GABRIELA MENDES ZAPPELLO
DAIANE GONCALVES DA SILVA
DANA PAOLA RODRIGUES
DAVID POSTAL
DAYANE PRISCILA FERNANDES
DENISE TONIOII
ÉDSON PAULO BOGON
EDUARDA PRZYVARA VALENCIO
ELAINE ALINE PEREIRA
ELANO BALTOKOSKI TIECHER
ELIZANDRA SANTOS DA MOTTA
EMANUELLI CRISTINA BORLA
FABIANA BOMFIM
GABRIEL BONIN DE MORAES
GABRIELA SANTOS NORONHA
GABRIELI DE ROS
GABRIELLA DAL PRA HELLMANN

GABRIELLE MULINARI PEDROLO
GESSICA DALL AGNOL DA SILVEIRA
GIULIA DE BORTOLI DE JESUS
GLAUCIA REGINA BIESEKI
INGRID LUIZA ALBERTON
ISABELLA VITORIA BARELLA TONET
ISADORA BUSETTI
JENNIFER LAUANA SGARBI
JESSICA LUANA MARIOTTI DA ROSA
JOAO GABRIEL PLANAS DE BRITO
JOÃO VITOR ZOLETT FICAGNA
JULIA LETICIA NEGRETI
JULIA MARIA DA SILVA LORENZETTI
JÚLIA PAZETTO
KAMILLA LINK
KARINA DE BAIROS FURTADO
KARISE SCALVI
KAROL ROSIANA K. DE OLIVEIRA EVANGELISTA
KAUAN REAS CORRÊA
KAUAN RODRIGUES FERREIRA DE SOUZA
KAUANA KYARA SANTOS CERESOLI
KAUANE PIMENTEL DOS PASSOS
KERLY ELOIZA BOTTEGA
LAÍS PADILHA DE PAULA
LAISSA JULIA TUSSI
LARISSA MACHADO SOARES
LENISE CRISTINA FERNANDES
LETICIA EVELIN ROMANO CELESTINO
LETICIA KAUANA MIRANDA DE BARCELO
LETÍCIA RIBEIRO OLIGINI
LUAN MATEUS NUNES DE SIQUEIRA
LUCAS DE OLIVEIRA GOMES
LUCAS RIESEMBERG FERREIRA
LUIS ANTÔNIO KUNDE
LUIZA RODRIGUES
MANUELA AUGUSTIN
MARCELO PRZYVARA SIEROTA

MARCIO ANTONIO RODRIGUES DOS SANTOS
MARCO ANTONIO FRIES DOS SANTO
MARIA EDUARDA CARDOZO
MARIA EDUARDA CHIODI VENSON
MARIANA APARECIDA GALVAN OENING
MARIANA GODOY SIMON
MARIELY BIAVA RODRIGUES
MARINA PETRIKICZ
MILENA APARECIDA PEREIRA WISNIESKI
MIRELA NATHALIA KLEIN STURM
NALVA LUIZA MILAN
NATALIA DE LIMA
NATHIÉLI BATISTELA
NICOLLE ALVES PEREIRA
NILZA REGINA TESSEROLI SIQUEIRA
PEDRO AUGUSTO NICOLODI
PEDRO HENRIQUE RIBEIRO DE JESUS
PEDRO OTAVIO SIQUEIRA
RAFAEL BORDIGNON DA CRUZ
RAFAELA ENGELS
RAFAELA YASSODARA BALBINO
RAQUEL ANTUNES
RENAN WILKER ROHRS
RENATA FONTANA
RIAN ARMANDO DE BORBA RODRIGUES
SARAH QUIOSSI ZORZAN
SOLANGE SCHWEITSER
SORAIA PEREIRA ROCHA DE LIMA
STEFANY MAITH DUARTE DOS SANTO
THAINA PADILHA
THAIS FERNANDA DE OLIVEIRA
VITOR EDUARDO CIVA
VITORIA GABRIELE TELCH
VITORIA KUHN

Orientação

Alessandra Vieira Fernandes
Professora e Psicóloga
CRP: 08/16949

Organização

Amanda de Luca Tiem Fernandes
Isadora Rosa Werner
Jaine Barizon
Maria Eduarda Zaniz
Sophia Cordova Gapski

Revisão

Tainara Oliveira Valdameri
Psicóloga
CRP: 08/30868

SUMÁRIO

PIQUE-PEGA DAS CORES – BRINCANDO E APRENDENDO SOBRE O NOSSO CORPO.....	1
O QUE É UM TOQUE DO BEM?.....	5
ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA.....	8
ESCUTAR É PROTEGER.....	13
CONSENTIMENTO EM CENA, ATÉ ONDE VAI O AMOR?.....	18
ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS NEURODIVERGENTES PARA A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL.....	21
PREVENINDO VIOLÊNCIA SEXUAL COM ADOLESCENTES NEURODIVERGENTES.....	25
DEPOIS DO SILÊNCIO – CAMINHOS DE CUIDADO COM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE.....	29
OLHARES QUE TRANSFORMAM – PRÁTICA RESTAURATIVA COM ADOLESCENTES AUTORES DA VIOLÊNCIA SEXUAL.....	33
PREVENÇÃO NOS ESPAÇOS VIRTUAIS PARA ADULTOS RESPONSÁVEIS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	39
PREVENÇÃO NOS ESPAÇOS VIRTUAIS – RISCOS E LIMITES NO USO DE INTERNET POR ADOLESCENTES.....	43
PROFESSORES EM REDE – CAPACITAÇÃO E CUIDADO NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA.....	46
INTERVENÇÃO COM PROFESSORES – PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL.....	50
CUIDANDO DE FAMILIARES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA SEXUAL...	54
(RE)SIGNIFICANDO O CUIDADO – O TRABALHO COM FAMILIARES/RESPONSÁVEIS DE CRIANÇAS.....	59
JUNTOS PELA PROTEÇÃO – ORIENTAÇÃO PARA FAMÍLIAS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA.....	75
FLUXOGRAMA VIVO – TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PROTEÇÃO.....	80
SUORTE AOS PROFISSIONAIS DA REDE DE PROTEÇÃO.....	89

APRESENTAÇÃO

A violência sexual contra crianças e adolescentes constitui um problema social e, portanto, é algo complexo, delicado e difícil de ser abordado. Ao longo dos anos, ampliou-se a conscientização sobre os riscos, os sinais, as consequências e as estratégias de proteção em relação à essa violência. Todavia, ainda é desafiador construir possibilidades para a prevenção e a proteção.

Desse modo, essa cartilha visa auxiliar e inspirar estudantes e profissionais a desenvolverem práticas e atividades grupais que têm a violência sexual contra crianças e adolescentes como principal foco. Diante da complexidade desse tema, buscamos planejar atividades que correspondem às possíveis necessidades dos diferentes envolvidos na prevenção e proteção. Logo, são apresentadas práticas para crianças e adolescentes, familiares, professores, profissionais da saúde e profissionais da rede de proteção.

As atividades propostas estão organizadas em três fases procedimentais: **INÍCIO** – que sugere instruções e orientações necessárias para o início da intervenção; **DESENVOLVIMENTO** – que descreve os principais momentos da prática com recomendações sobre a aplicação dos recursos e manejo dos diálogos promovidos por eles; **FECHAMENTO** – que demarca os momentos de encerramento, onde se oportuniza o compartilhamento de informações, feedbacks, opiniões, esclarecimentos e observações, constatando também se os objetivos da prática foram alcançados ou não.

Essa cartilha foi construída por meio da disciplina de Processos Grupais, envolvendo alunos/as do 4º e 5º períodos que, fundamentados no desenvolvimento e planejamento de atividades grupais, empenharam-se na construção das estratégias interventivas aqui descritas.

PIQUE -PEGA DAS CORES - BRINCANDO E APRENDENDO SOBRE O NOSSO CORPO

Autores: Ana Paula David, David Postal, Giulia Bortoli, João Gabriel P. de Brito, Luis A. Kunde, Marcelo Przyvara Sierota.

Introdução

Nessa vivência, propomos uma atividade lúdica com crianças de terceira infância (entre 5 e 7 anos de idade), utilizando a tradicional brincadeira “pique-pega” como ferramenta educativa. Segundo Papalia, Wendkos e Feldman (2006), nessa idade as crianças estão em desenvolvimento da sua compreensão sobre si e ao seu redor, desenvolvendo suas habilidades sociais e cognitivas. Através da dinâmica propomos mostrar os limites de acesso corporal de cada pessoa, onde as crianças terão como aprendizagem o consentimento sobre si mesma e com o outro, ensinando de forma simples e divertida até onde podem e não podem ir em relação ao toque.



Referências:

PAPALIA, D., et al. Experience Human Development. [S. l.]: McGraw-Hill Education, 2020.

PIQUE -PEGA DAS CORES - BRINCANDO E APRENDENDO SOBRE O NOSSO CORPO

Autores: Ana Paula David, David Postal, Giulia Bortoli, João Gabriel P. de Brito, Luis A. Kunde, Marcelo Przyvara Sierota.

Quem pode desenvolver esta prática?

Profissionais da área da educação/assistência social, estudantes de psicologia/pedagogia e/ou pais e responsáveis.

Público-alvo: Crianças da terceira infância entre 5 e 7 anos.

Objetivo: Criação de um espaço de aprendizado afetivo e cuidadoso, em que as crianças possam começar a compreender, de forma leve e respeitosa, os limites do próprio corpo e a importância do consentimento.

Recursos necessários: Imagem representativa do corpo humano projetada ou impressa (como ilustração abaixo), adesivos circulares nas cores verde, amarelo e vermelho, espaço adequado para realização da atividade.



Referências:

PAPALIA, D., et al. Experience Human Development. [S. l.]: McGraw-Hill Education, 2020.

PROCEDIMENTOS

Início	<p>Deverá ser feito um círculo com as crianças participantes para a explicação da dinâmica, apresentando: a) o que cada cor representa e as orientações de poder encostar (verde), não poder encostar (vermelho) e precisar de permissão para encostar (amarelo); e, b) o porquê das cores terem sido atribuídas a determinada parte do corpo e a razão de precisar permitir ou não o toque em determinada região colorida.</p>
Desenvolvimento	<p>O desenvolvimento será dividido em quatro etapas:</p> <ol style="list-style-type: none">1 - Explicação das regras da atividade (pique-pega): as crianças só poderão tocar nas o na área consentida do corpo, ou seja, naquelas partes sinalizadas na cor “verde”.2 - Momento da criança colocar os adesivos das cores em seu corpo reforçando o significado de cada cor. Por exemplo:<ul style="list-style-type: none">• Verde: Mãos, pés e antebraço;• Amarelo: Ombros costas e joelhos;• Vermelho: Tronco, virilha, coxas e etc.

PROCEDIMENTOS

<p>Desenvolvimento</p>	<p>3 - Início da dinâmica com duração de aproximadamente 15 minutos: realização da brincadeira “pique-pega” respeitando as regras e caso necessária intervenção se as regras não forem respeitadas.</p> <p>4 - Reunir as crianças participantes da dinâmica novamente, reforçando mais uma vez o motivo de cada cor em cada parte do corpo e conversar com as crianças sobre a observação delas, seu entendimento e avaliação da dinâmica.</p>
<p>Fechamento</p>	<p>O momento do fechamento será organizado com cada criança removendo as cores do seu corpo associando ao significado, onde será feita uma breve conversa a fim de ter um feedback das crianças. Também sugere-se finalizar com outra explicação acerca da relação das cores e consentimentos com as partes do corpo que essas cores representam.</p>



O QUE É UM TOQUE DO BEM?

Autores: Isadora Buseti, Letícia Barcelo, Mariana Aparecida Galvan Oening, Mariana Godoy Simon, Marina Petrikicz, Rafaela Yassodara Balbino.

Introdução

O abuso sexual infantil é uma grave violação dos direitos humanos e um problema de saúde pública que afeta milhares de crianças no Brasil e no mundo. Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (Brasil, 2024), em 2023 foram registradas mais de 82 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, sendo que a faixa etária entre 8 e 11 anos está entre as mais vulneráveis. De acordo com o Disque 100 (Brasil, 2023), cerca de 60% dos casos de abuso sexual acontecem dentro da própria casa da vítima, e o agressor costuma ser alguém próximo, como familiares ou pessoas de confiança.

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogos, pedagogos e professores, assistentes sociais, educadores sociais e agentes comunitários, Estudantes de psicologia ou pedagogia (com supervisão).

Público-alvo: Crianças de 8 a 11 anos.

Objetivo: Ensinar a diferenciar toques bons e ruins e reconhecer quando algo não está certo, incentivando a busca por ajuda.

Recursos necessários: Post-it, cartaz, cola, lápis para colorir e folha sulfite.

Referências:

BRASIL. Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. Disque 100 registra aumento nas denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes. Brasília: MDHC, 2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Relatório Anual da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: 2023. Brasília: MDHC, 2024.

PROCEDIMENTOS

Início

A atividade inicia com as crianças sentadas em roda, criando um ambiente acolhedor e seguro. Em seguida, o tema é apresentado de forma simples, explicando que o corpo é algo muito importante e que cada um tem o direito de cuidar do seu corpo e expressar quando algo não está legal. Para estimular a participação, são feitas perguntas como: “Quais toques deixam a gente feliz?” e “E quando um toque deixa a gente triste ou confuso, o que podemos fazer?”, incentivando a reflexão e o diálogo sobre os próprios sentimentos e limites.

Desenvolvimento

A atividade consiste em apresentar às crianças um cartaz com o corpo humano desenhado e propor uma conversa sobre toques bons e toques que não gostam. Em seguida, são distribuídos cartões com diferentes situações, como: “Abraço da mamãe”, “Alguém toca escondido e pede segredo”, “Alguém me faz cócegas na barriga mesmo quando eu peço para parar”, “Recebo um beijo no rosto de alguém que eu gosto”, “Um colega tenta levantar minha blusa na escola”. As crianças devem colar os cartões no cartaz, classificando-os com a cor verde para toques bons (próximos a carinhas felizes ou corações) e vermelho para toques ruins (perto de carinhas tristes ou um X vermelho), explicando suas escolhas enquanto se reforça o respeito ao próprio corpo e aos sentimentos.



PROCEDIMENTOS

Fechamento

No fechamento da atividade, é feita uma breve reflexão com as crianças, retomando o que foi aprendido com perguntas como: “O que a gente faz quando um toque não é legal?” e “Quem são os adultos que podem ajudar?”. Opcionalmente, é entregue um desenho para colorir com a frase “Meu corpo é meu! Eu posso dizer NÃO!”, e durante esse momento, reforça-se a importância do consentimento e de reconhecer sinais de alerta como medo, vergonha ou confusão.



ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA

Autores: Karina de Bairros Furtado, Ana Caroline Laurindo, Vitória Kuhn, Julia Maria da Silva Lorenzetti, Gabrielle Mulinari Pedrolo, Kauana Kyara Santos Cresoli

Introdução

A violência sexual infantil é um fenômeno sociocultural com graves impactos físicos, emocionais, psicológicos e sociais no desenvolvimento das crianças (Sanches et al., 2019). De acordo com Drezett (2001, apud Sanches et al., 2019) a maioria dos casos de violência sexual infantil, ocorre no ambiente intrafamiliar, sendo cometida por pessoas próximas, como pais, padrastos, irmãos, tios ou vizinhos. Geralmente, o abuso é iniciado com gestos afetivos que evoluem para abusos acompanhados de ameaças e manipulação (Abrapia, 2002).

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), 61,3% das vítimas têm até 13 anos, com maior incidência entre meninas de 10 a 14 anos (58%) e meninos de 5 a 9 anos (66,7%), evidenciando a urgência de estratégias de acolhimento específicas para a infância (Martins; Jorge, 2010).

Neste contexto, propõe-se uma intervenção terapêutica lúdica, mediada por uma boneca representativa, que ofereça um espaço seguro para expressão emocional, fortalecimento da autoestima e escuta protegida, respeitando o desenvolvimento infantil e os princípios da proteção integral.

Quem pode desenvolver esta prática?

Professores/as, Psicólogos/as, Profissionais da saúde, etc.

Público-alvo:

Crianças de 6 a 11 anos.



Referências:

- ABRÁPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. (2002). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes*. 3.^a edição. Petrópolis, RJ: Editora Autores & Agentes & Associados.
- MARTINS, C. B. G.; JORGE, M.H.P.M. (2010). *Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do Sul do Brasil*. *Texto Contexto Enfermagem*, 19(2), 246-255.
- SANCHES, L. et al. *Violência sexual infantil no Brasil: uma questão de saúde pública*. *Revista Iberoamericana de Bioética*, n. 09, p. 01-13, 2019.



ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA

Autores: Karina de Bairros Furtado, Ana Caroline Laurindo, Vitória Kuhn, Julia Maria da Silva Lorenzetti, Gabrielle Mulinari Pedrolo, Kauana Kyara Santos Cresoli

Objetivo:

Ofertar uma ferramenta lúdica e terapêutica, por meio do uso simbólico de uma boneca representativa e promover um espaço seguro, respeitoso e indireto de expressão, visando assim, trabalhar a autoestima, ajudar no reconhecimento e manejo das emoções, criar um ambiente simbólico de escuta e pertencimento, e reforçar que cada criança tem valor, merece cuidado e respeito.

Recursos necessários:

Caixa de som, tapetes e almofadas, espelho, papel sulfite, lápis de cor, tinta, boneca





PROCEDIMENTOS

Início

Recomenda-se que o ambiente seja acolhedor, seguro e visualmente tranquilo, com materiais lúdicos e os participantes organizados em roda, favorecendo o sentimento de pertencimento. O facilitador deve apresentar o local como um espaço de confiança, onde ninguém será forçado a falar ou se expor. Sugere-se iniciar com uma roda de apresentação leve, incentivando as crianças, se quiserem, a compartilhar algo simples e divertido sobre si (como uma cor favorita ou brincadeira preferida). Essa atividade visa fortalecer vínculos e criar familiaridade entre o grupo e os mediadores. Em seguida, podem ser construídos combinados coletivos de convivência, como escutar o colega, respeitar o tempo de cada um, não rir das falas e saber que ninguém será forçado a contar nada, fortalecendo vínculos e promovendo um clima de respeito mútuo.

Desenvolvimento

O facilitador deve apresentar uma boneca simbólica com características neutras, acolhedoras e simples, representando todas as crianças do grupo.



PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

Recomenda-se que a boneca possua traços faciais suaves, roupas sem estereótipos de gênero e postura de acolhimento, com braços abertos sugerindo um abraço. A apresentação pode ser feita com uma fala acolhedora que convide à identificação com a boneca, como: “Esta é nossa amiga especial. Ela passou por momentos difíceis, mas está aprendendo a ser forte. Hoje vamos ajudá-la a se sentir valorizada e cuidada.”

Em seguida, as crianças podem escolher um nome para ela, reforçando o sentimento de pertencimento. Cada criança, se desejar, poderá dizer algo positivo para a boneca, e também podem ser utilizados recursos visuais, como carinhas ou cartões com diferentes expressões faciais (feliz, triste, com medo, bravo, confuso, etc.) como forma de ajudá-los a entenderem e expressarem as suas emoções, sempre respeitando o tempo e o silêncio de cada uma. A mediação pode incluir perguntas como:

- “Como vocês acham que ela está se sentindo hoje?”
- “Você já se sentiu assim também?”

Ao final, as crianças poderão abraçar a boneca, caso se sintam confortáveis, reforçando a ideia de que o carinho verdadeiro acolhe e não machuca.



PROCEDIMENTOS

Fechamento

O encerramento deve contar com uma fala acolhedora do(s) facilitador(es), reforçando que, assim como a boneca, cada criança é especial, merece carinho, respeito e não tem culpa pelo que viveu. Em seguida, pode-se abrir um espaço livre para que expressem como se sentiram, utilizando materiais como folhas, lápis de cor, tinta ou apenas promovendo uma roda de conversa tranquila. Recomenda-se finalizar com uma atividade leve e positiva, como ouvir uma música calma, desenhar, compartilhar um lanche ou ouvir uma história. Essa etapa ajuda a fechar o encontro com uma sensação de conforto e segurança.



ESCUTAR É PROTEGER

Autores: Camila Müller, Chaiane Zappello, Elizandra Santos da Motta, Glaucia R Biesseki, Luan M Siqueira, Solange Schweitser.

Introdução

O Maio Laranja é uma campanha nacional dedicada à prevenção e combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. A relevância dessa temática é urgente: segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), uma criança ou adolescente é vítima de violência sexual a cada 10 minutos no Brasil, sendo a maioria das ocorrências dentro do próprio ambiente familiar.

Discutir e enfrentar esse assunto é essencial pois, os impactos desse tipo de violência são profundos e duradouros. As vítimas frequentemente lidam com consequências emocionais e psicológicas graves, como traumas, depressão, ansiedade e dificuldades de relacionamento, que podem persistir por toda a vida. Além disso, os altos índices de subnotificação dificultam a real dimensão do problema: estima-se que apenas um em cada dez casos seja oficialmente registrado. Conforme destaca Carvalho-Campos et al. (2024), programas educativos, especialmente aqueles realizados em ambientes escolares, têm se mostrado eficazes ao ensinar adolescentes a reconhecerem situações de risco e buscarem ajuda, fortalecendo redes de proteção e promovendo uma cultura de enfrentamento à violência sexual.

Referências:

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2023. São Paulo: FBSP, 2023.
CARVALHO-CAMPOS, Patrícia de Cássia; PEREIRA, Elder Gomes; ELIAS, Débora; TEODORO, Maycoln Leoni Martins. Programas de prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes: revisão sistemática da literatura. Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 26, n. 3, ePTPHD16678, 2024.



ESCUTAR É PROTEGER

Autores: Camila Müller, Chaiane Zappello, Elizandra Santos da Motta, Glaucia R Biesseki, Luan M Siqueira, Solange Schweitser.

Quem pode desenvolver esta prática?

Professores de educação básica, psicólogos, psicopedagogos, assistentes sociais, coordenadores pedagógicos, diretores e profissionais da saúde

Público-alvo: Adolescentes de 12 a 15 anos no ambiente escolar.

Objetivo: Sensibilizar e informar adolescentes sobre seus direitos de proteção contra o abuso e exploração sexual, incentivando a expressão de sentimentos, a identificação de situações de risco e a confiança em redes de apoio. A ação busca promover a importância de pedir ajuda, quebrar tabus sobre o abuso sexual e garantir um ambiente seguro para o acolhimento e o desabafo.

Recursos necessários:

Caixa decorada (“Caixinha do Acolhimento”) papéis, canetas, lápis, projetor (para uso de slides e imagens) música suave (para o momento da escrita) e fichas de acompanhamento (uso interno da equipe, caso necessário)

Referências:

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2023. São Paulo: FBSP, 2023.
CARVALHO-CAMPOS, Patrícia de Cássia; PEREIRA, Elder Gomes; ELIAS, Débora; TEODORO, Maycoln Leoni Martins. Programas de prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes: revisão sistemática da literatura. Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 26, n. 3, ePTPHD16678, 2024.

PROCEDIMENTOS

Início

A intervenção terá como base as cartilhas **"Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes"**

(http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote_eletronico.pdf)

"Abuso Sexual: Saiba o que é e aprenda a se proteger"

(https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/crianca-e-adolescente/violencia-sexual/cartilhas/cartilha_abuso_sexual_sai_ba_aprenda_roteger_mp_go.pdf)

Estas servirão de apoio ao facilitador na condução da atividade. O início deve ser marcado por uma breve introdução sobre a campanha Maio Laranja, destacando sua relevância na luta contra o abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. Em seguida, o facilitador fará uma apresentação abordando os seguintes temas: "O que é violência?", "Quais são os sinais?" e "Quem pode me ajudar?". As informações referentes a esses tópicos estão disponíveis nas cartilhas anteriormente mencionadas.

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

Após a apresentação dos temas, deverá ser promovido um momento de reflexão coletiva com os adolescentes. Propomos perguntas como: “Quem são as pessoas que você sente que pode confiar e pedir ajuda?”, “Como podemos ajudar um colega que parece estar passando por algo difícil?”, “O que vocês acham que mais impede alguém de pedir ajuda?” e “Por que é importante conversar sobre sentimentos, mesmo quando não sabemos exatamente o que estamos sentindo?”. O objetivo é abrir espaço para os adolescentes expressarem suas percepções e sentimentos. Em seguida, os alunos serão convidados a participar da atividade "Caixinha do Acolhimento". Nessa etapa, cada adolescente poderá escrever, de forma anônima, qualquer dúvida, sentimento ou desabafo relacionado ao tema da intervenção, podendo ou não se identificar nos bilhetes. Eles serão incentivados a refletir sobre como se sentem em relação à sua proteção, aos seus direitos, ou ainda compartilhar situações vividas que possam ter sido abusivas ou desconfortáveis. Depois, os papéis serão redistribuídos entre o grupo a fim de promover uma discussão de acolhimento sobre o que está escrito. A pessoa que lê, pode acolher o relato e falar sobre como se sente, promovendo empatia, acolhimento e identificação com os relatos.

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento	<p>Caso algum adolescente se identifique ou peça ajuda de forma indireta, ele deverá ser acolhido com o devido cuidado e, se necessário, encaminhado para acompanhamento psicológico ou aos serviços de proteção.</p>
Fechamento	<p>Para encerrar a intervenção, o facilitador pode reforçar, em conversa com o grupo, a importância de expressar sentimentos, buscar apoio e reconhecer que pedir ajuda é um ato de coragem. Também vale lembrar que o espaço escolar é um ambiente seguro e acolhedor, onde os adolescentes sempre poderão contar com apoio. A Caixinha do Acolhimento pode permanecer disponível por mais algum tempo na sala, como um recurso contínuo de escuta e cuidado, oferecendo um local seguro para que os alunos possam desabafar ou buscar apoio sempre que sentirem necessidade. O principal objetivo é assegurar que cada adolescente compreenda que não está sozinho e que existem pessoas e caminhos disponíveis para ajudá-lo a se proteger.</p>



CONSENTIMENTO EM CENA, ATÉ AONDE VAI O AMOR?

Autores: Jessica Mariotti, Dana Rodrigues, Camilla Conter, Aline Correia, Júlia Pazetto, Letícia Oligini.

Introdução

Trabalhar com a prevenção em violência sexual em adolescentes vem se mostrando muito relevante. A maioria dos adolescentes vivenciam suas primeiras experiências sexuais nessa fase da vida e, por vezes, esse momento de descoberta pode estar associado à violências.

O consentimento é algo pouco explorado e, alguns têm percepções distorcidas do que realmente é, principalmente quando se trata de casais românticos. Carvalho (2022) evidenciou que “maiores prevalências ocorreram entre adolescentes do sexo feminino e da faixa etária de 16 e 17 anos. O agressor mais comum para ambos os indicadores foi namorado(a), ex-namorado(a), ficante ou crush.”

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogos/as, Profissionais da saúde, Professores, Assistentes sociais.

Público-alvo: Adolescentes de 16 a 17 anos.

Objetivo: Promover a compreensão do consentimento em relacionamentos afetivos e sexuais, favorecendo o respeito à autonomia, aos limites e às decisões do outro.

Recursos necessários: Espaço para encenação, dois facilitadores.

Referências:

CARVALHO, D. Prevalência de violência sexual em escolares no Brasil: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019. Revista Mineira de Enfermagem, Belo Horizonte, v. 26, 2022.

PROCEDIMENTOS

Início	<p>Os facilitadores deverão explicar brevemente que a atividade abordará temas sobre relacionamento e respeito. Iniciar com a pergunta “o que é consentimento”?</p>
Desenvolvimento	<p>Assim os facilitadores deverão preparar uma simulação para ser apresentada aos adolescentes. Informar que eles apresentarão uma cena e que a observação dos adolescentes será importante.</p> <p>Sugestão do contexto da cena: Trata-se de um casal jovem que estão juntos em um momento íntimo. A namorada consente com beijos e toques, mas, quando o namorado tenta avançar mais a intimidade a namorada recusa. Então, o namorado sente frustração e começa com questionamentos:</p> <p>“Antes você queria, por que não quer mais?” “Não me ama mais?” “Se me ama-se, você iria querer”</p>

PROCEDIMENTOS

Fechamento

Assim que a encenação acaba a roda de conversa começa e os facilitadores devem questionar os adolescentes sobre a encenação. Deve-se explicitar que o consentimento é um acordo claro, livre e contínuo, que pode ser retirado a qualquer momento e deve ser respeitado sempre. Possíveis perguntas para o debate:

"É possível amar alguém e não querer certas coisas?"

"Você já se sentiu pressionado a fazer algo que não queria?"

Obs.: Uma variação dessa atividade é solicitar que os adolescentes elaborem as cenas, ou guie a cena exemplificada e/ou até mesmo podem ser os representantes da cena. Outra possibilidade é levar um vídeo com uma cena semelhante, caso os adolescentes não se sintam confortáveis para a simulação.



ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS NEURODIVERGENTES PARA A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Autores: Rian Rodrigues, Daiane Gonçalves, Camila, Karise Scalvi, Maria Eduarda Cardozo e Kerly Eloiza Bottega

Introdução

Crianças neurodivergentes, como àquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia, entre outras condições do neurodesenvolvimento, apresentam formas singulares de perceber o mundo, se comunicar e expressar emoções. Essa particularidade, embora constitua uma riqueza da diversidade humana, pode dificultar a identificação e o relato de situações de risco, tornando essas crianças especialmente vulneráveis a diversas formas de abuso, incluindo o físico, emocional, psicológico e sexual. Segundo dados recentes, 31,7% das crianças com deficiência já sofreram algum tipo de violência (CNN BRASIL, 2022), e crianças autistas têm de 10 a 16% mais risco de sofrer abuso sexual na infância (A GAZETA, 2023). A ausência de protocolos adaptados e estratégias específicas para esse público fragiliza a rede de proteção infantil e dificulta uma escuta empática e eficaz por parte dos profissionais da educação e da saúde.

Diante desse contexto, propõe-se uma atividade lúdica e educativa com o objetivo de favorecer a consciência corporal das crianças neurodivergentes. Através da representação de um boneco desenhado em papel kraft, afixado na parede, as crianças são convidadas a utilizar tintas coloridas — verde, amarelo e vermelho — para indicar, os locais do corpo onde o toque é permitido, permitido apenas em situações específicas ou totalmente inapropriado. Essa abordagem interativa busca facilitar a compreensão dos limites físicos e pessoais, promovendo práticas de acolhimento e respeito ao corpo, além de contribuir significativamente para a prevenção da violência sexual.

Referências:

CNN BRASIL. Uma a cada três crianças com deficiência no mundo sofreu violência, diz estudo. CNN Brasil, 2022.
A GAZETA. Violência sexual: um olhar atento às crianças autistas. A Gazeta, 2023.



ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS NEURODIVERGENTES PARA A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Autores: Rian Rodrigues, Daiane Gonçalves, Camila, Karise Scalvi, Maria Eduarda Cardozo e Kerly Eloiza Bottega

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogos(a), assistentes sociais, professores(as), profissionais da saúde e equipes multidisciplinares.

Público-alvo: Crianças neurodivergentes de 4 a 11 anos.

Objetivo: Proporcionar práticas de acolhimento e intervenção seguras para crianças neurodivergentes para a prevenção de violência sexual.

Recursos necessários: Sala tranquila e acolhedora, papel kraft, canetas e tinta, plaquinhas com as emoções (carrinhas felizes, tristes, com raiva e medo), imagens escolhidas pelo facilitador

Referências:

CNN BRASIL. Uma a cada três crianças com deficiência no mundo sofreu violência, diz estudo. CNN Brasil, 2022.
A GAZETA. Violência sexual: um olhar atento às crianças autistas. A Gazeta, 2023.



PROCEDIMENTOS

Início

Apresentação da equipe e do espaço. Como atividade de quebra-gelo, deverá ser realizada uma dinâmica com o uso de plaquinhas contendo emojis que representam diferentes emoções, sendo estas distribuídas para as crianças. A pessoa responsável pela condução da atividade apresentará imagens de situações do dia a dia (impressas ou projetadas). Por exemplo, uma fotografia de um dia na praia. O facilitador descreverá o cenário de forma sensorial, mencionando elementos como o som das ondas do mar, o toque da areia nos pés e a luz do sol, convidando as crianças a imaginarem esse momento. Em seguida, será solicitado que cada criança levante a plaquinha com o emoji que melhor represente seus sentimentos. A proposta tem como objetivo estimular o reconhecimento de sentimentos dos participantes.

Desenvolvimento

A atividade principal consiste na utilização de um boneco desenhado em papel kraft, afixado na parede, com o objetivo de ensinar às crianças o respeito ao próprio corpo. Inicialmente, as crianças terão as mãos cobertas com tinta guache, sendo oferecidas três cores diferentes: verde, para indicar as partes do corpo onde é seguro ser tocado tanto por familiares quanto por desconhecidos (como mãos e ombros);

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento	<p>amarelo, para partes que podem ser tocadas apenas em situações específicas e breves, como ao aplicar um medicamento ou realizar a higiene (como barriga e pernas); e vermelho, para áreas que não devem ser tocadas, representando regiões íntimas do corpo, que requerem proteção e respeito. Após a explicação, as crianças deverão marcar com as mãos as respectivas áreas no boneco, utilizando as cores de acordo com o que foi orientado.</p>
Fechamento	<p>Como atividade de encerramento, poderá ser colocada uma música com o intuito de proporcionar um momento de relaxamento e tranquilidade para as crianças após a realização da proposta principal. A canção escolhida é "O Leãozinho", de Caetano Veloso, por possuir uma melodia suave e uma letra delicada, que favorecem a criação de um ambiente acolhedor e calmo.</p>



PREVENINDO VIOLÊNCIA SEXUAL COM ADOLESCENTES NEURODIVERGENTES

Autores: Ana Djudia Saggiorato, Adriana Gonçalves, Bianca Rodrigues, Gessica Dallagnol.

Introdução

A neurodiversidade é uma celebração das diferenças humanas, não uma tentativa de uniformidade (Singer, 2017). Crianças e adolescentes neurodivergentes podem enfrentar desafios únicos relacionados à comunicação, interação social e aprendizado. Por isso, é essencial que campanhas como o Maio Laranja incluam estratégias específicas para proteger e conscientizar sobre os riscos de abuso e exploração sexual que esses jovens podem enfrentar.

A atividade busca ensinar adolescentes neurodivergentes a reconhecer os diferentes tipos de toque (seguro e desconfortável) de forma prática e sensorial, ajudando-as a identificar seus limites pessoais e entender o conceito de consentimento.

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogos e estagiários de psicologia, terapeutas ocupacionais, educadores especializados, mediadores familiares ou sociais, equipes multidisciplinares, voluntários treinados.

Público-alvo: Adolescentes neurodivergentes.

Referências:

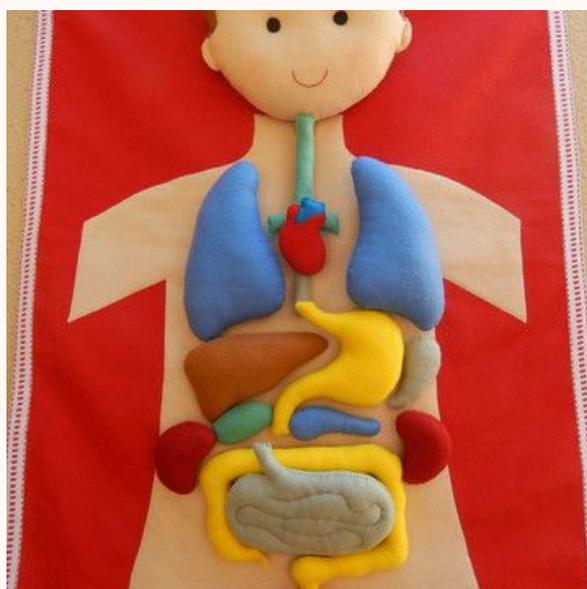
SINGER, J. NeuroDiversity: The Birth of an Idea. Editora Self-published, 5 de setembro de 2017.

PREVENINDO VIOLÊNCIA SEXUAL COM ADOLESCENTES NEURODIVERGENTES

Autores: Ana Djulia Saggiorato, Adriana Gonçalves, Bianca Rodrigues, Gessica Dallagnol.

Objetivo: Ensinar adolescentes neurodivergentes a compreender e identificar os diferentes tipos de toque (seguro, desconfortável ou inadequado).

Recursos necessários: Almofadas sensoriais com diferentes texturas, como exemplificadas a seguir:



Referências:

Singer, Judy. NeuroDiversity: The Birth of an Idea. Editora Self-published, 5 de setembro de 2017.



PROCEDIMENTOS

Início

Deverá ser explicado aos adolescentes o que será feito de forma simples e acessível, por exemplo: “Hoje vamos brincar e aprender sobre toques, como saber quais são bons e quais podem nos deixar desconfortáveis”.
Mostrar as almofadas sensoriais, deixando os adolescentes explorarem livremente as texturas e imagens, incentivando que expressem o que sentem ao tocar.

Desenvolvimento

A medida que os adolescentes tocam nas almofadas, deve ser orientado: “Essa é macia e confortável, como um abraço que gostamos” ou “Essa experiência pode ser como um toque que não gostamos muito, e que pode nos fazer sentir desconfortáveis”. Vamos observar como os adolescentes se sentem em relação a cada toque simulado.

PROCEDIMENTOS

Fechamento

Concluimos as atividades questionando de forma clara como os adolescentes se sentiram durante a atividade e o que aprenderam com a proposta apresentada.

Deve-se reforçar que eles têm o direito de dizer "não" a um toque desconfortável e que sempre devem procurar um adulto de confiança quando isso acontecer.





DEPOIS DO SILÊNCIO: CAMINHOS DE CUIDADO COM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE

Autores: Ana Clara Nora Bilibio, Eduarda Przyvara Valêncio, Fabiana Bomfim, Kamilla Link, Luisa Rodrigues.

Introdução

A violência sexual contra adolescentes é uma das formas mais graves de violação dos direitos humanos. Segundo dados do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, apenas em 2023 foram registradas mais de 18 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, por meio do Disque 100 (BRASIL, 2025). De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos, esse tipo de violência ocorre, em muitos casos, no ambiente doméstico ou comunitário, sendo mantido em silêncio por medo, vergonha ou pela ausência de uma escuta qualificada e empática (BRASIL, 2025).

Quem pode desenvolver esta prática?

Profissionais da Psicologia, do Serviço Social, da Educação, da Saúde, conselheiro(a) tutelar, educador(a) social ou outro agente da rede de proteção, especialmente quem atua com adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Público-alvo: Adolescentes que já vivenciaram situações de violência sexual e que estão sendo acompanhados por serviços da Proteção Social Especial ou estão em acolhimento institucional.

Referências:

- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. 18 de Maio – Faça Bonito: Proteja nossas crianças e adolescentes.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) em políticas públicas de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Brasília: CFP, 2014.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.
- DISQUE 100. Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos.

DEPOIS DO SILÊNCIO: CAMINHOS DE CUIDADO COM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE

Autores: Ana Clara Nora Bilibio, Eduarda Przyvara Valêncio, Fabiana Bomfim, Kamilla Link, Luisa Rodrigues.

Objetivo:

Favorecer a criação de um espaço grupal de escuta, troca e acolhimento, promovendo a ressignificação de vivências traumáticas, o fortalecimento de vínculos, o acesso à informação e o reconhecimento do adolescente como sujeito de direitos.

Recursos necessários:

Espaço acolhedor com disposição em roda; Papel kraft ou cartolina; Lápis de cor, canetas, cola, tesoura; Impressões com frases, imagens e palavras simbólicas, que representem afeto, proteção, coragem e superação; Caixinha de som para música ambiente; Aparelho de projeção (opcional).



Referências:

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. 18 de Maio – Faça Bonito: Proteja nossas crianças e adolescentes.
CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) em políticas públicas de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Brasília: CFP, 2014.
BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.
DISQUE 100. Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos.

PROCEDIMENTOS

Início

Receba os participantes em um espaço organizado em roda, com ambiente acolhedor.

Apresente a proposta: explique brevemente o motivo da atividade, contextualizando o 18 de maio e sua importância no enfrentamento à violência sexual.

Proponha a pergunta disparadora “O que significa cuidado para mim?” para estimular a troca de experiências e percepções.

Dinâmica:

- Cada participante escolhe um objeto simbólico (ex: chave – símbolo de abertura; pedra – força; flor – sensibilidade; espelho – autoconhecimento).

Em seguida, se apresenta dizendo seu nome e porque escolheu aquele objeto.

Desenvolvimento

Distribua papel kraft ou cartolina, orientando os participantes a recortarem e colarem imagens e palavras que representem afeto, proteção, coragem e superação.

A colagem pode ser construída em grupo, reforçando a ideia de pertencimento e apoio coletivo.

PROCEDIMENTOS

Fechamento

Conduza uma roda final com a pergunta: “O que levo comigo hoje?”, convide os adolescentes a compartilharem como se sentiram e o que foi significativo na atividade.

Faça uma entrega de marcador de página com frases de encorajamento (ex: “Eu sou mais forte do que penso”, “Meu corpo, minhas regras”).

Se possível e apropriado ao contexto, finalize o encontro com um lanche simples, promovendo um momento de socialização e leveza.

NÃO
é
NÃO



OLHARES QUE TRANSFORMAM: PRÁTICA RESTAURATIVA COM ADOLESCENTES AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Autores: Amanda Dartora Denes, Gabriel Bonin, João Vitor Zolett Ficagna, Laíssa Julia Tussi, Lucas Riesemberg Ferreira, Manuela Augustin.

Introdução

A atividade tem como finalidade promover a responsabilização e o despertar da consciência crítica em adolescentes autores de violência sexual. Por meio de uma dinâmica baseada na leitura de diferentes tipos de discursos, o do agressor, o da sociedade e o da vítima, busca-se gerar um impacto que leve à reflexão sobre as consequências de suas atitudes (Brown, 2011). A intervenção estimula os participantes a confrontarem suas ações de maneira íntima e honesta, incentivando o reconhecimento do sofrimento causado e a possibilidade de transformação pessoal (Herman, 1992). Trata-se de um espaço estruturado, mas sensível, que favorece o desenvolvimento da empatia, da escuta e da autorresponsabilidade.

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogo(a) clínico ou institucional, psicopedagogo(a), educador(a) com formação em práticas restaurativas.

Público-alvo: Adolescentes autores de abuso sexual (entre 12 a 18 anos).

Referências:

BROWN, Grace. Projeto Unbreakable. 2011.

HERMAN, Judith L. Trauma e recuperação. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

OLHARES QUE TRANSFORMAM: PRÁTICA RESTAURATIVA COM ADOLESCENTES AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Autores: Amanda Dartora Denes, Gabriel Bonin, João Vitor Zolett Ficagna, Laíssa Julia Tussi, Lucas Riesemberg Ferreira, Manuela Augustin.

Objetivo: Promover a responsabilização, a autorreflexão e a mudança de comportamento em adolescentes autores de violência sexual, por meio de uma intervenção psicológica estruturada, que possibilite a compreensão das consequências emocionais, sociais e humanas de seus atos.

Recursos necessários: Três caixas pequenas; Folhas A4 do tipo pautada, quantidade condizente ao número de participantes; Caneta esferográfica e/ou lápis, quantidade condizente ao número de participantes.





PROCEDIMENTOS

Início

Os adolescentes são convidados a se sentarem e a permanecerem em círculos, a fim de melhor disponibilidade e ocupação de local, favorecendo contato visual e melhor comunicação para a dinâmica.

No meio do círculo de pessoas, ficarão três caixas com pequenos papéis.

1º caixa: estão frases de cunho sexual pejorativo, ditas comumente por adolescentes autores de violência sexual.

2º caixa: estão frases de pessoas de fora da situação (que nunca vivenciaram tal situação de vulnerabilidade), naturalizando tais atitudes, seja por conta da idade dos autores sugerir inocência, seja por outros motivos que não justificam os ocorridos.

3º caixa: estão frases de vítimas que sofreram o abuso.

Frases usadas para a dinâmica da caixa:

1ª caixa: Frases de cunho sexual pejorativo, ditas comumente por adolescentes autores de violência sexual:



PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

- “Se fosse tão ruim assim ela teria contado para alguém.”
- “Ela não disse não.”
- “Meus amigos disseram que ela era de boa.”
- “Eu só toquei, não cheguei a fazer nada.”

2ª caixa: Frases de pessoas de fora da situação (que nunca vivenciaram tal situação de vulnerabilidade), naturalizando tais atitudes.

- “Também, olha a roupa que ela tava usando...”
- “Ela deu motivo, ficou provocando.”
- “Se fosse tão grave assim, ela tinha denunciado na hora”
- “Homem tem instinto, se provoca não tem como segurar.”

3ª caixa: Frases de vítimas que sofreram o abuso.

- “Eu congelei, não consegui fazer nada.”
- “Fiquei com vergonha de contar para minha mãe.”
- “Eu disse que não queria, mas ele disse que era normal.”
- “Me chamaram de mentirosa quando tentei contar.”



PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

O intuito de tal intervenção é mobilizar pelo choque de realidade e perspectiva os participantes, de modo que repensem suas atitudes como prejudiciais.

A partir da leitura das frases, os adolescentes são convidados a refletir sobre os diferentes discursos que envolvem a violência sexual: o do agressor, o da sociedade e o da vítima. Essa experiência busca despertar nos participantes uma consciência mais profunda sobre o impacto de suas ações, não apenas sob a ótica legal ou institucional, mas principalmente emocional e humana. Após essa reflexão, os adolescentes são incentivados e induzidos a escreverem uma carta destinada à pessoa que foi ferida pelo que eles fizeram. A carta não será entregue nem lida em voz alta, será mantida com o facilitador.

PROCEDIMENTOS

Fechamento

Ao final da atividade, poderá ser realizada uma roda com perguntas abertas, onde os participantes possam refletir sobre suas experiências e sentimentos, com questionamentos sobre como foi escrever a carta, se sentiram alguma mudança interna após a atividade e o que pretendem fazer de diferente daqui em diante.

Essa abordagem cria um espaço seguro e não julgador para que os participantes possam expressar seus pensamentos e sentimentos de forma honesta, promovendo a autorreflexão e o crescimento pessoal.





PREVENÇÃO NOS ESPAÇOS VIRTUAIS PARA ADULTOS RESPONSÁVEIS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Autores: Larissa Machado Soares, Laís Padilha de Paula, Rafael Bordignon da Cruz, Pedro Augusto Nicolodi, Kauan Reas Correa, Vitor Eduardo Civa, Lucas de Oliveira Gomes.

Introdução

Com o avanço da tecnologia e a presença cada vez mais constante de crianças e adolescentes nos ambientes digitais, cresce também a preocupação com os riscos virtuais: cyberbullying, aliciamento, exposição inadequada, vícios em telas e desinformação. Segundo a UNICEF (2021), o acesso à internet deve vir acompanhado de ações educativas para garantir a segurança e o bem-estar dos jovens.

Por isso, esta prática busca fortalecer o papel de adultos responsáveis — como pais, mães, responsáveis e educadores — como figuras fundamentais de orientação e proteção nos espaços virtuais.

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogos/as, estudantes de Psicologia, educadores/as, assistentes sociais.

Público-alvo: Adultos responsáveis por crianças e adolescentes.

Objetivo: Promover a conscientização e o diálogo entre adultos sobre os riscos e as formas de prevenção nos espaços virtuais, incentivando o uso consciente da internet e a construção de vínculos de confiança com crianças e adolescentes.

Recursos necessários: Cartões com frases ou situações (verdadeiras e falsas), caixa ou envelope, papel kraft ou cartolina, canetas, post-it coloridos, projetor (opcional, para vídeo ou slides curtos).

Referências:

UNICEF. Crescendo em um mundo digital. 2021.



PROCEDIMENTOS

Início

O facilitador inicia a atividade com uma breve acolhida dos participantes, apresentando o objetivo do encontro: refletir sobre os desafios e responsabilidades dos adultos diante da presença de crianças e adolescentes no mundo digital.

Realiza-se uma breve fala sobre o crescimento do uso de redes sociais e aplicativos por crianças e adolescentes, trazendo dados breves (ex: tempo médio de tela, riscos mais frequentes, como o cyberbullying e o aliciamento). Após a contextualização, propõe-se a seguinte pergunta para sensibilizar o grupo:

- “Você se sente preparado para orientar uma criança ou adolescente sobre o uso da internet?”

Se a resposta dos participantes for positiva, perguntar: “como orientam?” e deixar eles responderem.

Essas perguntas servirão como ponto de partida para a atividade principal.

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

Distribuem-se os cartões com as palavras “MITO” e “VERDADE” para cada participante.

O facilitador sorteará, de uma caixa ou envelope, afirmações relacionadas ao uso da internet por crianças e adolescentes, como:

- “As crianças aprendem sozinhas a se proteger na internet.” (MITO)
- “O YouTube Kids é totalmente seguro para crianças.” (MITO)
- “Conversar sobre o que a criança vê online é uma forma de protegê-la.” (VERDADE)
- “Meu filho sabe mais de tecnologia do que eu, então não preciso me preocupar.” (MITO)
- “Jogos online podem ser portas de entrada para contatos perigosos.” (VERDADE)

Após cada leitura, os participantes levantam o cartão que consideram adequado (mito ou verdade). O facilitador então esclarece o conteúdo, trazendo informações embasadas e estimulando o diálogo entre os participantes.

PROCEDIMENTOS

Fechamento

Para concluir, os participantes serão convidados a escrever em um post-it uma atitude preventiva que desejam adotar a partir do que refletiram durante o encontro (ex: “conversar com meu filho sobre o que ele joga”, “usar o celular junto com ele para entender melhor”). Os post-it serão colados em um painel coletivo simbólico, representando uma rede de proteção digital.

Finaliza-se com uma roda de conversa em que cada um pode dizer uma palavra que represente o que leva da atividade (ex: “alerta”, “diálogo”, “responsabilidade”, “acolhimento”).

Caso possível, será entregue um pequeno folheto com:

- Dicas práticas de segurança digital para crianças e adolescentes
- Sites confiáveis (como SaferNet e Cartilha Internet Segura) - <https://internetsegura.br/>
- Canais de denúncia como o Disque 100 e Plataforma SaferNet - <https://new.safernet.org.br/>
- Sugestões de combinados familiares sobre uso de telas.



PREVENÇÃO NOS ESPAÇOS VIRTUAIS: RISCOS E LIMITES NO USO DE INTERNET POR ADOLESCENTES

Autores: Alice Veiga, Bianca Dendena, Bruna K. Manske, Elano Tiecher, Jennifer Sgarbi, Márcio Antônio.

Introdução

O ambiente virtual, apesar de ser uma ferramenta poderosa de socialização e informação, também expõe adolescentes a riscos significativos como abusos, pedofilia, bullying e superexposição (Brasil, 2022). Esta prática visa promover reflexões e desenvolver estratégias de prevenção sobre esses perigos, utilizando dinâmicas simbólicas que conectam os participantes com as consequências do uso excessivo e imprudente da internet.

Quem pode desenvolver esta prática?

Professores/as, Psicólogos/as, estudantes, etc.

Público-alvo: Adolescentes de 12 a 17 anos.

Objetivo:

Promover a conscientização sobre os perigos presentes no ambiente virtual, incentivando o uso responsável da internet por meio de uma dinâmica interativa e reflexiva

Recursos necessários:

Cartas com figuras (gelo, fogo, frio, calor, salgado, doce, luz, escuridão)

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Cartilha de Prevenção ao Abuso Sexual na Internet. Brasília, 2022.

PROCEDIMENTOS

Início

Recepção e formação de um círculo com os adolescentes. Apresentação de uma notícia recente com repercussão de conhecimento de todos relacionado ao virtual (pedofilia, violência sexual e etc). O facilitador deverá escolher a notícia. Após a apresentação da notícia, estimular o debate inicial com perguntas provocativas como: “Vocês já ouviram falar de algum caso assim?” ou “Como se sentem em relação à exposição na internet?”

Desenvolvimento

Após a discussão inicial, deve ser entregue as “cartas ocultas”, viradas para baixo. Cada carta contém um símbolo relacionado a extremos (ex: gelo = em excesso é insuportável, danoso). Cada participante revela sua carta e cita exemplos de excesso relacionado a figura apresentada. Após cada leitura, o facilitador conduz um diálogo sobre o significado e meio termo de cada figura relacionando com os abusos do espaço virtual e as consequências desses comportamentos.

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento	<p>A metáfora do “gelo” é usada para mostrar que algo aparentemente inofensivo pode causar danos graves, exemplos claros desses excessos são propagações de mídias relacionadas a violência sexual sendo as vítimas extremamente expostas nas redes sociais.</p>
Fechamento	<p>Poderá ser questionado aos adolescentes o que aprenderam e sentiram. Deve-se reafirmar que violência sexual é crime e seus envolvidos são punidos com pena de 4 a 8 anos de reclusão conforme Lei Carolina Dieckmann (12.737/2012), que trata de crimes cibernéticos em geral, e a Lei 14.811/2024, que inclui o cyberbullying no Código Penal. Além disso, a Lei 13.718/2018, que define a importunação sexual, também se aplica a atos praticados no ambiente digital, incluindo o envio de material sexual não solicitado. A atividade pode ser finalizada com a construção conjunta de dicas para um uso mais seguro da internet.</p>



PROFESSORES EM REDE: CAPACITAÇÃO E CUIDADO NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA

Autores: Bruna Gabriela, Júlia Negreti, Milena Wisnieski, Mirela Sturm, Vitória Telch.

Introdução

A campanha Maio Laranja representa uma mobilização nacional essencial para a conscientização e o enfrentamento do abuso e da exploração sexual de crianças e adolescentes (Brasil, 2022). Nesse cenário, destaca-se a atuação da Rede de Proteção, composta por instituições públicas, serviços especializados e profissionais de diversas áreas que atuam de forma articulada na prevenção, identificação e encaminhamento de casos de violação de direitos.

A escola, enquanto espaço de convivência e desenvolvimento humano, assume papel estratégico nessa rede, especialmente por meio dos professores, que mantêm contato cotidiano com os estudantes. Esses profissionais são fundamentais na detecção de sinais de vulnerabilidade infantojuvenil e na mediação entre a escola e os serviços de proteção. No entanto, ainda é comum que relatem insegurança diante de situações de risco e dificuldade em dialogar com a rede de apoio (Melo, 2024).

Diante disso, propõe-se uma prática formativa voltada à instrumentalização de professores da educação básica. Por meio de metodologias participativas, a atividade promove escuta ativa, diálogo coletivo e construção compartilhada de saberes, fortalecendo vínculos profissionais e o compromisso ético da escola com a garantia de direitos.

Nesse processo, é importante valorizar práticas restaurativas e dialógicas, como os círculos de construção de paz e a conferência de grupo familiar (Carolyn, 2008), que buscam dar voz e respeito iguais a todos os envolvidos, fortalecendo a parceria entre famílias e profissionais e restaurando o controle das comunidades sobre suas vidas. Tais práticas reforçam valores fundamentais à atuação em rede e ao enfrentamento da violência com sensibilidade e empatia.

Referências:
CAROLYN, B. No coração da esperança: guia de práticas circulares. 1. ed. Justiça do Século 2: Instituto Práticas Restaurativas, 2011.
BRASIL. Lei nº 14.432, de 3 de agosto de 2022. Institui o Maio Laranja.
MELO, Beatriz. Maio Laranja: o papel da escola no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Realize Editora, 2024.



PROFESSORES EM REDE: CAPACITAÇÃO E CUIDADO NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA

Autores: Bruna Gabriela, Júlia Negreti, Milena Wisnieski, Mirela Sturm, Vitória Telch.

Quem pode desenvolver esta prática?

Profissionais da rede de saúde, educação e assistência social.

Público-alvo: Professores do ensino fundamental e médio;

Objetivo:

Auxiliar professores para atuarem de forma segura e responsável na proteção de crianças e adolescentes. Entre os objetivos estão: apresentar a Rede de Proteção, ensinar a reconhecer sinais de violência ou negligência, orientar sobre os procedimentos de denúncia e reforçar o papel da escola como espaço de acolhimento e defesa dos direitos humanos.

Recursos necessários:

Para a prática grupal, são necessários: sala ampla com cadeiras em círculo; projetor com slides informativos; cartazes sobre a Rede de Proteção; papel kraft, canetões e post-it para dinâmicas; e material impresso com contatos de serviços como Conselho Tutelar, CRAS, CREAS e Disque 100.

PROCEDIMENTOS

Início	<p>Iniciar com os participantes em círculo e realizar uma a pergunta disparadora: “Você já se sentiu sem saber como agir diante de uma situação preocupante com um aluno?”</p> <p>Após escutar os participantes, deve-se fazer uma breve apresentação sobre a campanha Maio Laranja e o conceito de Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente.</p> <p>Depois, os participantes deverão ser divididos em pequenos grupos de 5 a 6 integrantes.</p>
Desenvolvimento	<p>Cada grupo escolhe ou recebe um estudo de caso fictício envolvendo situações de violência ou negligência infantil (como exemplificado).</p> <p>Cada grupo deverá encenar/simular como os professores poderiam agir frente à situação apresentada.</p>

Os exemplos de casos são:

“Joana sofre apelidos ofensivos de colegas e muda de comportamento (isolamento, queda nas notas).” Reflexão: Como identificar e agir diante do bullying? Como apoiar Joana e trabalhar com os agressores?

“Carla, 8 anos, demonstra medo de um adulto da escola e desenha figuras com sinais de alerta.” Reflexão: O que fazer ao notar sinais de abuso? Como proteger a criança sem forçá-la a falar?

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento	<p>Após cada apresentação, é realizado um momento de reflexão e comentários entre os grupos, discutindo atitudes adequadas e inadequadas, escuta qualificada e possíveis encaminhamentos.</p> <p>Pode-se realizar um debate coletivo com base nas seguintes perguntas orientadoras:</p> <p>O que o professor pode ou não fazer legalmente?</p> <p>Qual o limite entre escuta e investigação?</p> <p>Quais atitudes acolhem e quais afastam a criança?</p> <p>A quem recorrer dentro e fora da escola?</p>
Fechamento	<p>Após o diálogo, recomenda-se a apresentação do “Guia da Rede” com os fluxos de encaminhamento e contatos da rede local (ex: CRAS, CREAS, Conselho Tutelar, Disque 100).</p> <p>Por exemplo: https://shre.ink/franciscobeltrao</p> <p>Para finalizar, questionar: “O que vocês levam desta vivência para a prática pedagógica?”</p> <p>Sugere-se fazer uma avaliação da atividade (de forma oral ou com post-it, de forma anônima).</p>



INTERVENÇÃO COM PROFESSORES – PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Autores: Dayane P. Fernandes, Denise Tonioli, Kauan R. F. de Souza, Lenise C. Fernandes, Nilza Regina T. Siqueira, Raquel Antunes, Soraia P. Rocha de Lima.

Introdução

A violência sexual é uma questão alarmante que afeta crianças e adolescentes em todo o mundo, gera consequências graves para a saúde mental e o desempenho escolar dos adolescentes, resultando inclusive em faltas e abandono escolar. A escola desempenha um papel crucial na prevenção e no enfrentamento desse problema.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 14,6% dos adolescentes, ou seja, um em cada sete, sofreram algum tipo de violência sexual, que inclui desde assédio até estupro (IBGE, 2009). Dentre esses adolescentes, 5,6% relataram ter sido forçados a ter relações sexuais. A pesquisa de 2019 mostrou que 3,7% dos alunos do 9º ano já haviam passado por essa situação (IBGE, 2009).

A partir de 2019, a PeNSE passou a incluir exemplos de violência sexual, como toques indesejados e exposição de partes do corpo, o que resultou em um aumento do percentual de adolescentes que reconhecem ter sofrido violência sexual para cerca de 15%. Além da violência sexual, o estudo também revelou um aumento na violência física, com 27,5% dos estudantes relatando agressões físicas por parte de familiares (IBGE, 2009).

Quem pode desenvolver esta prática? Professores e Psicólogos.

Público-alvo: Professores

Objetivo: Sensibilizar e informar os professores sobre a violência sexual, suas formas, sinais, formas de intervenção e prevenção no ambiente escolar e comunitário.

Recursos necessários: uma sala (roda de conversa)

Referências:
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa nacional de saúde do escolar: análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental: municípios das capitais: 2009/2019. Rio de Janeiro, 2022.
FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência sexual infantil: os dados estão aqui, para quem quiser ver. 2022.

PROCEDIMENTOS

<p>Início</p>	<p>Realizar o Acolhimento e Apresentação da Intervenção (10 min)</p> <ul style="list-style-type: none">• Realizar a apresentação do facilitador (nome, instituição, intenção da atividade).• Explicar o objetivo da roda de conversa/intervenção: compreender, refletir e fortalecer o papel dos educadores na prevenção e combate à violência sexual.• Destacar que este é um espaço seguro para escuta.
<p>Desenvolvimento</p>	<p>Fazer a dinâmica de abertura: o que entendemos por violência sexual? (15 min)</p> <ul style="list-style-type: none">• Propor a pergunta: "O que você entende por violência sexual?"• Ouvir livremente as opiniões do grupo, sem interrupções.• Após as falas, apresentar uma definição técnica clara e acessível sobre violência sexual, com base no ECA e outros documentos oficiais. <p>Realizar roda de diálogo orientada (30 min)</p> <p>Guiar a conversa com as perguntas:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Quais são os tipos de violência sexual?2. Quem são os mais vulneráveis a esse tipo de violência?

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

1. Quais sinais podem indicar que uma criança ou adolescente está sofrendo abuso?
2. O que fazer ao perceber um possível caso de violência?
3. Qual o papel do professor em caso de relatos ou identificação dos sinais de violência?

Importante: à medida que o diálogo transcorre, o facilitador pode intervir com informações.

Propor uma reflexão crítica: de vítima a cúmplice (com base no silêncio) (10 min)

- Apresentar a ideia de que o silêncio diante da violência contribui para sua perpetuação.
- Refletir sobre o papel do educador enquanto agente de proteção e denúncia.
- Frase-chave: "**Não ser vítima também é não ser cúmplice.**"

Realizar propostas de ação: o que podemos fazer enquanto escola e comunidade? (10 min)

- Levantar com o grupo sugestões de ações preventivas no contexto escolar.

Apontar caminhos legais e institucionais: denúncias, encaminhamentos, papel do Conselho Tutelar, CREAS, Delegacia da Mulher, entre outros.

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento	Propor encaminhamentos e entregar material de apoio (10 min) <ul style="list-style-type: none">• Entregar um folder com:<ul style="list-style-type: none">◦ Telefones úteis (Disque 100, 190, Delegacia DEAM, Conselho Tutelar etc.)◦ Procedimentos básicos para acolhimento e encaminhamento◦ Frase motivacional:◦ "Você não está só. Não seja vítima, não seja cúmplice."
Fechamento	Realizar o encerramento e agradecimento (5 min) <ul style="list-style-type: none">• Reforçar que a mudança começa com cada um.• Agradecer a participação.• Colocar-se à disposição para eventuais dúvidas.

Espera-se que por meio da roda de conversa, os professores compreendam e reflitam sobre o seu papel na proteção e no acolhimento de alunos vulneráveis. Deve-se estabelecer um espaço seguro para a escuta mútua, onde cada voz deverá ser valorizada. Através de dinâmicas e discussões orientadas, podem ser abordadas definições, sinais de alerta e formas de intervenção, sempre enfatizando que o silêncio diante da violência não é uma opção. Ao final, esperamos que os professores se sintam mais capacitados para agir, não apenas como educadores, mas como agentes de mudança em suas comunidades. Juntos, podemos construir um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, onde a prevenção da violência sexual se torna uma prioridade



CUIDANDO DE FAMILIARES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA SEXUAL

Autores: Isabella Vitória Barella Tonet, Mariely Biava Rodrigues, Nalva Luiza Milan, Renata Fontana.

Introdução

De acordo com Papalia, Feldman e Martorell (2013), o desenvolvimento humano é um processo complexo, influenciado por fatores biológicos, psicológicos e sociais, sendo a família o principal agente no início da vida da criança. A família, como ambiente primário de socialização, exerce papel crucial na formação emocional, cognitiva e comportamental do indivíduo. Quando ocorre uma violação grave como o abuso sexual infantil, esse núcleo é profundamente impactado, não apenas pela dor da vítima, mas também pelo sofrimento, desestruturação e desafios enfrentados pelos familiares.

Papalia, Feldman e Martorell (2013) ressaltam que o ambiente familiar deve proporcionar segurança, afeto e estabilidade, aspectos fundamentais para o desenvolvimento saudável. No entanto, quando esse ambiente falha – seja por omissão, desconhecimento ou vulnerabilidade social – a criança ou adolescente vítima de violência sexual pode ter comprometimentos significativos em seu desenvolvimento. Além disso, os familiares, ao descobrirem o abuso, podem apresentar reações diversas, como negação, choque, sentimento de culpa, ou até mesmo atitudes que dificultam o acolhimento da vítima. Neste contexto, torna-se essencial compreender o impacto da violência sexual no curso do desenvolvimento humano e o papel fundamental dos familiares no processo de recuperação e ressignificação da experiência traumática. A intervenção proposta visa promover um ambiente acolhedor e seguro onde crianças, adolescentes e suas famílias possam refletir sobre o cuidado, o respeito ao corpo e a importância da proteção mútua.

Referências:

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D.; MARTORELL, G. Desenvolvimento Humano. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

CUIDANDO DE FAMILIARES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA SEXUAL

Autores: Isabella Vitória Barella Tonet, Mariely Biava Rodrigues, Nalva Luiza Milan, Renata Fontana.

Quem pode desenvolver esta prática?

Professores/as, Psicólogos/as, Profissionais da saúde, etc.

Público-alvo: Familiares ou responsáveis de crianças/adolescentes que sofreram violência sexual.

Objetivo: Promover, de forma lúdica e participativa, a conscientização de familiares sobre a violência sexual infantil e adolescente e também identificar e validar emoções, muitas vezes silenciadas.

Recursos necessários: Cartazes, balões, caixas decoradas, imagens educativas, papel kraft, canetões coloridos, colas, cartelas com frases/situações, caixa de som, músicas suaves e educativas



PROCEDIMENTOS

Início

Inicia-se com a atividade “fio do cuidado”. Todos os familiares formam um círculo. Um novelo de lã será passado de um para outro. Cada pessoa, ao receber o fio, diz uma palavra ou gesto que representa **cuidado e proteção**. Ao final, o círculo estará interligado pelo fio — símbolo da **rede de apoio**.

O facilitador explica: “Assim como esse fio nos conecta, o cuidado une e protege. Hoje, vamos falar sobre como proteger ainda mais quem amamos.”

Desenvolvimento

Será disponibilizado cartões coloridos e uma caixa. Cada cor representa uma emoção:

Vermelho – Raiva

Verde – Medo

Azul – Culpa

Amarelo – Esperança

Rosa – Amor

Essa legenda será fixada de forma visível no ambiente, para facilitar a compreensão e a escolha dos participantes.

Cada pessoa será convidada a escolher um cartão da cor que melhor representa como ela está se sentindo no momento. Depois, ela precisa escrever ou desenhar algo correspondente ao que está sentindo, de forma anônima. Os cartões serão depositados em uma caixa.

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

Em seguida, o/a facilitado/ra fará a leitura de algumas contribuições (sem revelar identidades) e conduzirá um momento de conversa com o grupo a partir de perguntas como:

Quem mais já sentiu algo assim?”

“Como podemos lidar com esse sentimento juntos?”

“O que essa emoção está querendo dizer para nós?”

“Quais são os maiores desafios que você tem enfrentado no papel de mãe, pai, avó ou responsável?”

“Como tem sido para você dar conta das suas emoções enquanto cuida de alguém que está ferido?”

Essa escuta coletiva tem como objetivo fortalecer a empatia, ampliar a consciência emocional e criar um ambiente de acolhimento e confiança.

Nesse momento iremos refletir e selar o compromisso com a proteção e o “sentir”. Frisar a importância de sentir todos os sentimentos que a situação proporcionou para eles.

Será feito um momento de respiração coletiva de 3 tempos – para simbolizar o “alívio” compartilhado.

Encerramento com uma mensagem positiva, reforçando que **proteger é um ato de amor e responsabilidade.**

Fechamento



(RE) SIGNIFICANDO O CUIDADO: O TRABALHO COM FAMILIARES/RESPONSÁVEIS DE CRIANÇAS

Autores: Bruna Vitória Zummach, Camille da Silva Cassol, Letícia Evelyn Romano Celestino, Nicolle Alves Pereira, Pedro Henrique Ribeiro De Jesus, Renan Wilker Rohrs, Thainá Padilha.

Introdução

Segundo pesquisa realizada pela Fundação ABRINQ, em 2024, 68,7% das violências e abusos sexuais contra crianças e adolescentes ocorrem no ambiente residencial (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2024). Por isso, diante da complexidade desse contexto, o trabalho com famílias é necessário, de modo a integrá-las no cuidado e na proteção de crianças e adolescentes.

Os familiares ou responsáveis legais podem, efetivamente, ensinar crianças de 0 a 6 anos habilidades necessárias, além de reconhecer e responder a gestos sexuais inapropriados, entretanto, precisam de suporte e encorajamento por profissionais para terem uma instrução completa. (Wurtele; Saslawsky, 1986). Como trabalho interventivo essencial, o acompanhamento e capacitação dessas famílias participantes é de extrema importância para os profissionais mediadores, visando um trabalho contínuo e efetivo.

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogos(as), Assistentes Sociais, Professores(as) e Pedagogos(as)

Público-alvo: Familiares ou responsáveis legais de crianças.

Objetivo: Desenvolver habilidades de cuidado e prevenção com pais de crianças envolvendo o tema: Enfrentamento e prevenção ao abuso sexual de crianças e adolescentes.

Recursos necessários: Cartolina, fita, lápis, caneta, caixa de papelão, espaço fechado com acesso a assentos.

Referências:

FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Cenário da violência sexual. [S.l.]: Fundação Abrinq, [202-?].

WURTELE, S.K.; SASLAWSKY, D. Teaching Personal Safety Skills for Potential Prevention of Sexual Abuse: a comparison of treatment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, Arlington, n. 54, p. 668-692, 1986.

PROCEDIMENTOS

Início

O mediador iniciará a intervenção se apresentando e pedindo aos pais/responsáveis para fazerem o mesmo. Após esse momento de partilha, o mediador irá orientar para que os familiares/responsáveis presentes se juntem em duplas.

Como sugestão: não ter familiares/responsáveis de uma mesma família na mesma dupla.

Com isso realizado, distribuir um *card* para cada dupla sobre “situações implícitas de violência”. O mediador deve orientar as duplas a lerem a situação dada e refletirem entre eles (dupla) sobre qual atitude eles tomariam frente ao contexto.

ANEXO 1: exemplos para confecção dos cards sobre as situações implícitas.

Serão 8 cards com situações implícitas. Como sugestão: para uma boa partilha e um bom tempo de intervenções, é recomendável que sejam no máximo 8 duplas de familiares/responsáveis.

PROCEDIMENTOS

Início

As situações implícitas:

1. Você pede um beijo/abraço ao seu filho e ele diz não, como você reage?
2. Você presencia um menino e uma menina trocando alguma forma de afeto, o que você presume?
3. Criança relata uma violência sofrida pelo cuidador (babá, tio,...) que atitude você toma?
4. A criança vê/ouve você em alguma situação íntima, como você lida com isso?
5. Você presencia duas crianças em situações inadequadas para sua idade, como você reage?
6. Uma criança interage de maneira imprópria com você, que atitude você toma?
7. Você presencia uma pesquisa de cunho sexual feita pela criança, como você lida?
8. Você escuta uma conversa em que o responsável da criança a incentiva a praticar algum ato sexual com outra criança, como você reage?

Oferecer de 5 a 10 minutos para as duplas comentarem sobre quais atitudes teriam.

Após esse tempo, o mediador(a) deverá orientá-los a sentarem em círculos para uma partilha em conjunto das atitudes que cada dupla tomaria frente à situação.



PROCEDIMENTOS

Início

Sugestão: O mediador(a) pode orientar aos pais/responsáveis que, caso encontrem dificuldade em entender alguma situação, o mediador(a) irá explicar e esclarecer cada uma, sem inferir ou alterar o relato da atitude da dupla, apenas esclarecendo a situação.

Vale ressaltar que, dentro de cada card, haverá descrito a situação adequada a ser tomada naquele contexto. Entretanto, **o mediador(a) não falará isso a eles até a parte de DESENVOLVIMENTO da intervenção.**

Neste primeiro momento, eles não saberão da existência das situações adequadas dentro dos cards.

Situação adequadas descritas dentro de cada card:

1- Respeitar a decisão da criança para que ela compreenda o conceito de limite e não normalize e replique este padrão com outros adultos ou crianças.

2- Compreender que crianças não possuem segundas intenções ou interesses de cunho amoroso, exceto se esse comportamento estiver sendo replicado de outros contextos.



PROCEDIMENTOS

Início

3- Temos que ter ciência que a criança necessita de afeto e acolhimento, se ela tem algum direito violado, muito provavelmente terá um comprometimento no desenvolvimento biopsicossocial. (escola, ambiente familiar, relações sociais, etc)

4- É importante manter a tranquilidade para abordar a situação com naturalidade, oferecendo apenas as informações essenciais. Sempre que possível, é melhor conduzir a conversa de maneira leve e serena, evitando detalhes desnecessários e priorizando o conforto da criança.

5- Primeiramente, é necessário chamar esse indivíduo para uma conversa, entender como ele teve o contato com isso e o que o levou a reproduzir esse comportamento, importante ressaltar que por vezes, eles não sabem realmente até onde vão os seus limites e como ocorre a violência.

6- É necessário agir com clareza, interrompendo qualquer possibilidade dessa situação se repetir. Um passo importante é explicar, de forma cuidadosa e sem causar constrangimento, o porquê da situação ser considerada inadequada. Também é essencial investigar de onde vieram certos comportamentos, pois eles podem indicar algo mais sério e que merece atenção.



PROCEDIMENTOS

Início

7- É importante que os cuidadores tenham esse olhar crítico com o conteúdo acessado na internet pelas crianças, sempre seguindo a classificação de idade, eles têm muita curiosidade para o mundo, mas precisa-se que essas descobertas sejam no momento certo.

8- Agressores costumam disfarçar o abuso sexual apresentando-o como algo "especial" e secreto, aproveitando-se da confiança que a criança tem no adulto. Como as crianças aprendem sobre certo e errado com os adultos, tendem a acreditar neles. Isso pode levar as vítimas a demonstrarem comportamentos sexuais inadequados. Por isso, é essencial notificar o Conselho Tutelar para garantir a proteção da criança ou adolescente.

Desenvolvimento

Nesta parte de desenvolvimento, o mediador(a) deve orientar a cada dupla compartilhar com o grupo a situação.

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

Após cada dupla ler sua situação e partilhar a atitude que tomariam, o mediador(a) irá orientá-los a abrir os cards, e repassar a eles que dentro deles, está descrito a situação mais adequada a ser tomada frente a situação.

Após a leitura, o mediador(a) irá fazer reflexões com as duplas, sobre o que elas trouxeram inicialmente e sobre o que refletiram e entenderam frente a situação adequada descrita dentro dos cards. Ou seja, pedir às duplas que partilhem como perceberam outros pontos e fatores a serem praticados na situação.

Com isso, o mediador(a) deve promover reflexões e abrir a conversa para construção de diálogos e novas práticas familiares.

Importante: O mediador(a) deve ler as situações adequadas previamente antes da intervenção e estar atento aos relatos de cada dupla, a fim de intercalar o que eles disserem e fazer relações com as formas adequadas de cuidado.



PROCEDIMENTOS

Fechamento

No fechamento da intervenção, o mediador(a) deve promover reflexões sobre as falas e construções trazidas pelos familiares/responsáveis, ou seja, promover novos olhares e clarificar aos familiares/responsáveis como eles falaram inicialmente e como isso se modificou após lerem as situações mais adequadas de acordo com cada contexto.

Esse momento é importante, já que a função do mediador(a) será promover novas orientações, correlacionar falas trazidas na primeira parte (antes de abrirem os *cards*) e com as falas reestruturadas e reflexivas trazidas após a abertura dos *cards*.

Finalizando esse momento de novas construções de práticas e sentidos, o mediador(a) conduzirá para o final da intervenção, agradecendo o empenho e a presença dos familiares/responsáveis.



PROCEDIMENTOS

Fechamento

Por fim, o mediador(a) orientará os familiares/responsáveis, que levarão para casa um jogo educativo de uso pessoal deles, sobre situações do cotidiano que podem acontecer com sua criança. O jogo será composto por cards. Na frente deles haverá a situação, atrás terá como agir frente aquele contexto.

Importante: o jogo deve ser produzido pelo mediador(a) ou em conjunto com a equipe que está construindo a intervenção. As situações e as atitudes que devem ser tomadas estão descritas abaixo, assim como no **ANEXO 2**, está o exemplo de como replicar os cards do jogo. Além disso, a caixa que irá o jogo, também deve ser construída pelo mediador(a) e/ou equipe.

O mediador(a) deve orientar as famílias que o jogo será um meio de apoio a eles em situações nas quais não saibam como agir junto de suas crianças. Porém, é importante o mediador(a) frisar a importância de também buscar ajuda em serviços da rede de proteção, como disque 100, CRAS, CREAS, Conselho Tutelar e Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

PROCEDIMENTOS

Fechamento

Por fim, entregar um jogo a um responsável de cada família, demonstrar como utilizar em um exemplo prático e responder a possíveis dúvidas.

Finalizando a intervenção, o mediador(a) deve agradecer os familiares/responsáveis e pedir a eles se há dúvidas, sugestões ou desejam fazer apontamentos. Após esse momento, os familiares/responsáveis já estão liberados.

Sugestão: Pode-se fazer um novo encontro com os mesmos familiares após 15 a 20 dias, para que os mesmos deem um feedback sobre o jogo e como está sendo seu uso. Além de possíveis modificações, pontos positivos e negativos.

Situações descritas na parte da frente dos cards:

- 1- Como validar a fala de sua criança?
- 2- Como abordar educação sexual com as crianças?
- 3- Sobre construir relações saudáveis;
- 4- Como reagir ao relato de violência sexual da criança?
- 5- Cuidado à exposição de crianças em relação à atos sexuais nos contextos familiares, e a supervisão do que elas consomem;

PROCEDIMENTOS

Fechamento

6- Como abordar os perigos e a exposição na internet?

7- Como abordar a sexualidade em crianças?

8- Sobre práticas de masturbação precoce.

Situações descritas na parte do verso do card:

1- Seja prestativo e cuidadoso ao escutar o que seu filho tem a dizer; Faça com que ele se sinta seguro e não sinta medo de compartilhar o que acontece com ele; Não julgue atitudes ou falas de sua criança, oferece um ambiente acolhedor.

2- Ensine o nome correto dos órgãos genitais para a criança, sem apelidos como “florzinha” ou “pipi”. Ensine sobre consentimento e respeito. Mostre onde não podem tocar no corpo e oriente que caso isso aconteça, a criança pode vir conversar com você.

3- Para construir relações saudáveis, é necessário ensinar a criança sobre seus limites, e o limite do outro, onde o “não” é não e tanto ela deve ser respeitada, quanto deve respeitar o não do outro. Quando a criança se posicionar dizendo que não quer fazer algo, por exemplo: não quer sentar no colo do tio, respeite sua decisão, e não a force, após isso você pode abordar o assunto com mais calma para tentar entender os motivos da criança.

PROCEDIMENTOS

Fechamento

4- Mostre acolhimento e segurança, a escute sem julgamentos;

Não force a criança repetir o relato, é uma situação dolorosa que ela está passando;

A afaste do agressor e não deixe com que ela tenha contato novamente com ele;

Acione o conselho tutelar para que eles auxiliem no encaminhamento do caso.

5- Fique atento a presença de seu filho em momentos íntimos; Cuide as expressões utilizadas no ambiente familiar; Esteja sempre atento aos conteúdos que seu filho consome (filmes, livros, mídias sociais)

6- Esteja atento ao que a criança consome, a oriente sobre conteúdos próprios para a idade dela, como filmes e séries que contenham a classificação de idade adequada.

Conversar sobre os perigos da exposição nas redes sociais, caso alguém tente entrar em contato, pedir fotos, ou pedir para conversar, para que a criança sempre mostre ao responsável.

7- A quebra de tabus é importante. Evite utilizar termos lúdicos para referir-se a genitálias, incentive um ambiente confortável e seguro para conversa e busque estabelecer uma noção de intimidade, para que a criança entenda quais partes do seu corpo não devem ser tocadas por outros adultos ou colegas.



PROCEDIMENTOS

Fechamento

Ensine-a a conhecer a si e aos seus limites, assim como a identificar o que pode ser um sinal de alerta, estando sempre disposto a acolher seus relatos.

8- A masturbação é um evento normal no processo de autodescoberta. Mas, quando iniciada muito cedo (antes do início da puberdade), pode ser um indicador de alerta para o acesso a conteúdo pornográficos ou até mesmo a possibilidade de alguma situação de abuso. É importante buscar saber os precedentes de tal comportamento e estar aberto a um diálogo educativo com a criança sobre seu corpo e sobre sexualidade dentro dos parâmetros adequados para sua compreensão, considerando sua idade.

PROCEDIMENTOS

- ANEXO 1 - Exemplo de como replicar os cards das situações implícitas e também, das situações adequadas a serem tomadas de acordo com o contexto, na parte 1 da intervenção:

● Parte escrita no envelope
● Resposta (dentro)

1
Você escuta uma conversa onde o responsável da criança a incentiva a praticar algum ato com cunho sexual com outra criança, como você reage?

1. Segundo Barbarói, em Santa Cruz do Sul, agressores costumam disfarçar o abuso sexual apresentando-o como algo "especial" e secreto, aproveitando-se da confiança que a criança tem no adulto. Como as crianças aprendem sobre certo e errado com os adultos, tendem a acreditar neles. Isso pode levar as vítimas a demonstrarem comportamentos sexuais inadequados. Por isso, é essencial notificar o Conselho Tutelar para garantir a proteção da criança ou adolescente.

2
Uma criança interage de maneira imprópria com você, que atitude você toma?

2. É necessário agir com clareza, interrompendo qualquer possibilidade dessa situação se repetir. Um passo importante é explicar, de forma cuidadosa e sem causar constrangimento, o porquê da situação ser considerada inadequada. Também é essencial investigar de onde vieram certos comportamentos, pois eles podem indicar algo mais sério e que merece atenção.

PROCEDIMENTOS

- Anexo 2 - Exemplo de como replicar os cards do jogo que os familiares/responsáveis irão levar para casa.

(RE) SIGNIFICANDO O CUIDADO: O TRABALHO COM PAIS DE CRIANÇAS

FRENTE

COMO VALIDAR A FALA DA SUA CRIANÇA E PROPICIAR UMA ESCUTA SEM JULGAMENTOS?

CUIDADO À EXPOSIÇÃO DE CRIANÇAS EM RELAÇÃO À ATOS SEXUAIS NOS CONTEXTOS FAMILIARES, E A SUPERVISÃO DO QUE ELAS CONSUMEM

COMO RESPEITAR OS LÍMITES DA SUA CRIANÇA

VERSO

SEJA PRESTATIVO E CUIDADOSO AO ESCUTAR O QUE SEU FILHO TEM A DIZER

FAÇA COM QUE ELE SE SINTA SEGURO E NÃO SINTA MEDO DE COMPARTILHAR O QUE ACONTECE COM ELE

NÃO JULGUE ATITUDES OU FALAS DE SUA CRIANÇA, OFERECE UM AMBIENTE ACOLHEDOR

FIQUE ATENTO A PRESENÇA DE SEU FILHO EM MOMENTOS ÍNTIMOS

CUIDE AS EXPRESSÕES UTILIZADAS NO AMBIENTE FAMILIAR

ESTEJA SEMPRE ATENTO AOS CONTEÚDOS QUE SEU FILHO CONSUME (FILMES, LIVROS, MÍDIAS SOCIAIS)

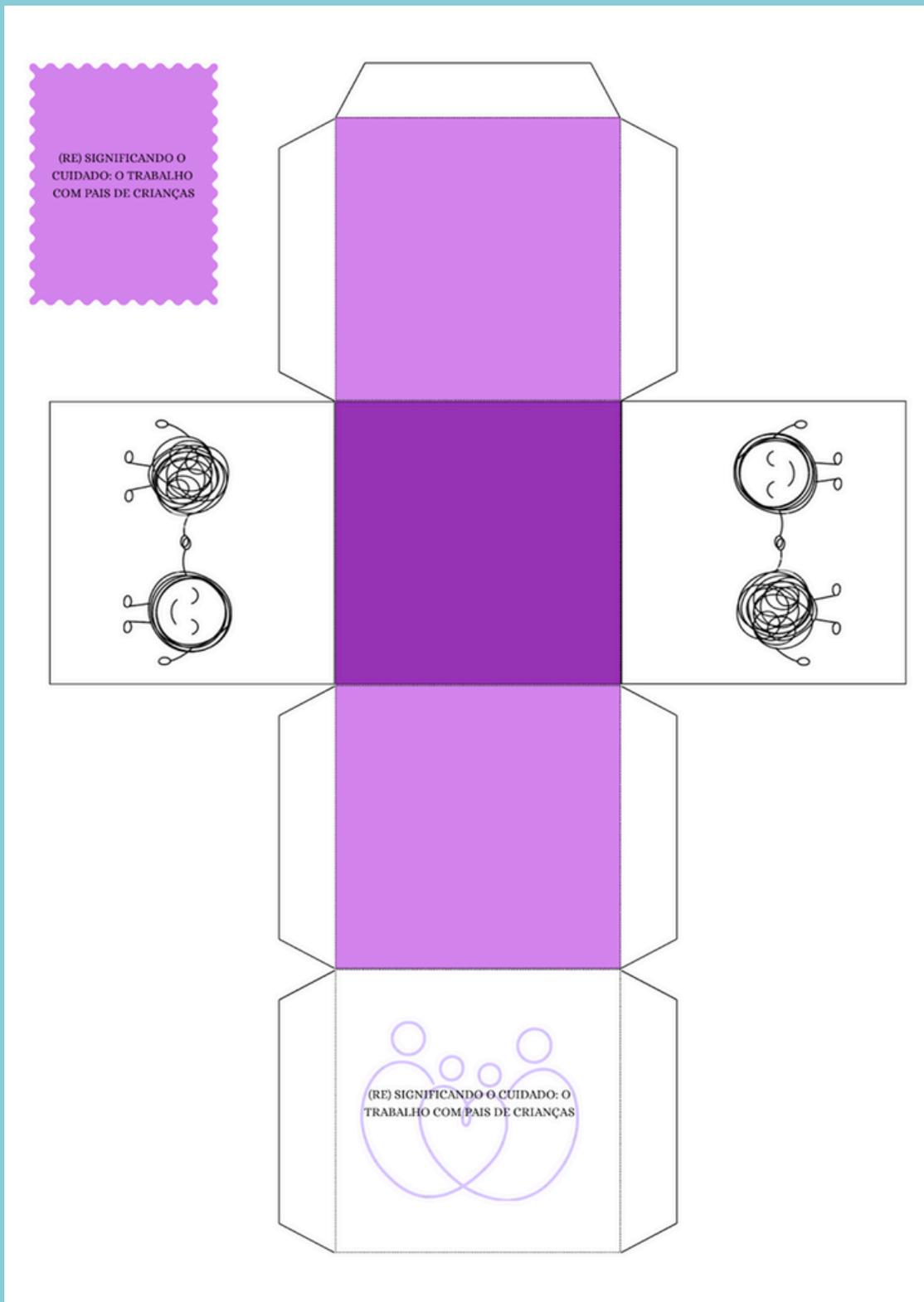
PRESTE ATENÇÃO NOS SINAIS DE DESCONFORTO QUE A CRIANÇA APRESENTA

RESPEITE OS LÍMITES DE SUA CRIANÇA, SE ELA NÃO SE SENTE CONFORTÁVEL COM ALGUM FAMILIAR/AMIGO, NÃO FORCE A APROXIMAÇÃO

TENHA CONVERSAS SEMANALMENTE SOBRE O TEMA

PROCEDIMENTOS

- Ideia de montagem de caixa para armazenamento do material dialógico.





JUNTOS PELA PROTEÇÃO: ORIENTAÇÕES PARA FAMÍLIAS SOBRE A VIOLÊNCIAS SEXUAL NA ADOLSCÊNCIA

Autores: Rafaela Engels, Sarah Quiossi Zorzan, Kauane Pimentel, Edson Paulo Bogoni, Andrieli Silveira Pronobi, Elaine Aline Pereira.

Introdução

Quando a família demonstra credibilidade ao relato da criança e assume estratégias para protegê-la, esta se sente fortalecida e apresenta maiores recursos para enfrentar a experiência abusiva (Habigzang et al., 2005 apud Siqueira et al., 2011). Tendo em vista o papel familiar na fase tão desafiadora que é a adolescência, em um cenário posterior a uma situação de violência e de crucial importância o apoio daqueles responsáveis pelo adolescente.

Como demonstrado pela pesquisa de Braga e Dell'aglio (2012) muitos dos indivíduos que foram precocemente expostos a situações de violência demonstram maior propensão ao aparecimento de sintomas e transtornos psicológicos, como a baixa autoestima, comportamento agressivo, sintomas internalizantes e externalizantes, que podem vir a resultar em transtornos psicopatológicos como depressão, ansiedade, estresse pos-traumático, TDAH, transtornos alimentares e possíveis idealizações suicidas. Dados os impactos negativos consequentes de vivenciar situações de agressão, faz-se necessário abordar de forma integral, profunda e constante as questões decorrentes da violência vivenciada por adolescentes.

Referências:

BRAGA, Luiza Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: família e instituições. Estudos de Psicologia (Natal), [S.L.], v. 17, n. 3, p. 413-420, dez. 2012. Tikinet Edicao Ltda. - EPP.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; ARPINI, Dorian Mônica; SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro. Família e abuso sexual na perspectiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Aletheia, Canoas, n. 34, p. 109-122, abr. 2011.

JUNTOS PELA PROTEÇÃO: ORIENTAÇÕES PARA FAMÍLIAS SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Autores: Rafaela Engels, Sarah Quiossi Zorzan, Kauane Pimentel, Edson Paulo Bogoni, Andrieli Silveira Pronobi, Elaine Aline Pereira.

Quem pode desenvolver esta prática?

Professores(as), psicólogos(as), psicopedagogos(as), assistentes sociais.

Público-alvo: Pais, familiares e responsáveis de adolescentes.

Objetivo: Oferecer materiais informativos aos responsáveis pelas vítimas que estiverem interligados ao grupo, proporcionando subsídios para que possam acionar as instituições de investigação, compreender possíveis diagnósticos, enfrentamento e apoio emocional, assim como meios de enfrentamento da situação para as vítimas e suas famílias.

Recursos necessários: Local adequado com recursos para o número de participantes e cards (material impresso).





PROCEDIMENTOS

Início

A atividade consistirá na formação de uma roda de conversa, guiada pela apresentação de cards temáticos, que funcionarão como norteadores das discussões a serem realizadas ao longo do encontro.

Busca-se oferecer suporte emocional, além de auxiliar os participantes a lidar com os desafios relacionados ao cuidado, à proteção e ao fortalecimento dos vínculos familiares após situações traumáticas.

Desenvolvimento

Para dar continuidade à intervenção deve ser distribuído os cards (sugeridos nas páginas seguintes) entre os participantes.

Cada card conterá dicas relativas à um tema específico importante na adolescência, como: autoestima, insegurança, relações interpessoais, orientação sexual, escolhas profissionais e relações familiares.

Após a entrega dos cards, o mediador deve criar um ambiente acolhedor e seguro, incentivando cada participante a compartilhar o conteúdo do seu card com o grupo.

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento	<p>Nesse momento, os participantes podem falar sobre o que pensam a respeito daquele tema e dicas, quais das funções delas para o desenvolvimento do adolescente, bem como as dificuldades percebidas diante delas.</p> <p>Esse momento de exposição individual permitirá que os familiares se reconheçam nas temáticas abordadas. O facilitador deve orientar os familiares para que possam oferecer suporte aos adolescentes e para construir estratégias com tal finalidade. O objetivo é favorecer o autoconhecimento, a reflexão coletiva e o fortalecimento das habilidades socioemocionais, contribuindo para o crescimento pessoal e relacional dos participantes.</p>
Fechamento	<p>Encaminhando-se para o fechamento da intervenção proposta é recomendado instigar que cada participante compartilhe como se sentiu durante a vivência e o que aprendeu com a escuta dos demais. Diante da análise do profissional responsável deve-se determinar se a atividade desenvolvida se adapta melhor em um ou mais encontros, podendo assim ser atribuída uma atividade reflexiva para o próximo encontro.</p>

PROCEDIMENTOS

CARDS DE APOIO

AUTOESTIMA

- TRABALHAR AUTO-IMAGEM;
- FAZER UM DIA DE AUTO CUIDADOS;
- CONVERSAR SOBRE

LAÇOS E RELACIONAMENTOS

- COMUNICAÇÃO E ESCUTA EFICAZ;
- PERTENCIMENTO;
- ATIVIDADES EM CONJUNTO.

INSEGURANÇA

- OUVIR E VALIDAR;
- ACOLHIMENTO;
- EXPLORAR INTERESSES;
- IDENTIFICAR PONTOS FORTES.

ORIENTAÇÃO SEXUAL

- ACEITAÇÃO;
- REPRESENTATIVIDADE;
- RELACIONAMENTO AFETIVO;

ESCOLHAS PROFISSIONAIS

- TESTE VOCACIONAL;
- EXPOSIÇÃO DE PROFISSIONAIS;
- PLANO DE CARREIRA.

RELAÇÕES FAMILIARES

- CONEXÃO;
- COMUNICAÇÃO EFICAZ E CONFIANÇA;
- CUIDADO;
- RESPEITO;



FLUXOGRAMA VIVO: TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PROTEÇÃO

Autores: Emanuelli Cristina Borla; Gabriela Santos Noronha; Gabrieli de Ros; Gabriella Dal Pra Hellmann; Karol Rosiana Krindges de Oliveira Evangelista; Nathiéli Batistela; Pedro Otávio Siqueira

Introdução

O abuso infantil é uma realidade alarmante que afeta milhares de crianças todos os anos. Esse tipo de violência, muitas vezes silenciosa, traz consequências profundas para o desenvolvimento físico, emocional e psicológico das vítimas. Falar sobre o abuso infantil é essencial para conscientizar, prevenir e, principalmente, proteger a infância. De acordo com dados do Ministério Da Saúde (Brasil, 2023) no boletim epidemiológico, no qual indica casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. No período de 2015 a 2021, foram notificados 202.948 casos de violência sexual no Brasil, sendo 83.571 contra crianças e 119.377 contra adolescentes. De acordo com o material, os familiares são responsáveis por 68% das agressões contra crianças e 58,4% das agressões contra adolescentes. Apresenta também que a residência das vítimas é o local de ocorrência de 70,9% dos casos contra crianças de 0 a 9 anos de idade e de 63,4% dos casos contra adolescentes de 10 a 19 anos.

A violação de direitos sexuais de crianças e adolescentes persiste como um problema grave e silencioso, com impactos severos no crescimento físico, emocional e mental de inúmeras crianças e jovens. Frequentemente, os agressores são indivíduos do círculo íntimo da vítima, transformando o ambiente doméstico em local de violência. Conforme o Protocolo de Atendimento às Pessoas em Situação de Violência Sexual da Secretaria de Estado do Paraná (Brasil, 2017) Esse quadro demonstra a premente necessidade de medidas práticas de prevenção, denúncia e amparo, enfatizando a importância de políticas governamentais eficientes para assegurar uma infância protegida e respeitosa.

Referências:

- FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Cenário da infância e adolescência no Brasil 2024. São Paulo: Fundação Abrinq, 2024.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. Brasília: MDHC, 2023.
- PARANÁ. Protocolo de Atendimento às Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual. Francisco Beltrão: Prefeitura Municipal, 2018.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Saúde do Paraná. Protocolo para o Atendimento às Pessoas em Situação de Violência Sexual. Curitiba: SESA, 2017



FLUXOGRAMA VIVO: TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PROTEÇÃO

Autores: Emanuelli Cristina Borla; Gabriela Santos Noronha; Gabrieli de Ros; Gabriella Dal Pra Hellmann; Karol Rosiana Krindges de Oliveira Evangelista; Nathiéli Batistela; Pedro Otávio Siqueira

Diversos casos de violação sexual na infância são percebidos em serviços básicos de saúde quando os profissionais realizam os primeiros atendimentos que questionam ou examinam os indivíduos. Se faz de extrema necessidade capacitar esses profissionais para que eles compreendam o processo de encaminhamento e como agir diante dessas situações que podem acontecer. Segundo o Protocolo de Atendimento às Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual do município de Francisco Beltrão (Paraná, 2018) vivenciar o fluxo de atendimento em casos de violência sexual infantil, garantindo que os profissionais saibam como agir corretamente, seguindo um passo a passo padronizado, facilita a tomada de decisões, orienta os encaminhamentos adequados, assegura a proteção da vítima e evita sua revitimização.

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogos/as, Profissionais da saúde, Professores/as, etc.

Público-alvo: Profissionais da saúde

Objetivo:

Instrumentalizar profissionais da saúde sobre o fluxograma de atendimento à crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, atendidas na atenção básica.

Referências:

- FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Cenário da infância e adolescência no Brasil 2024. São Paulo: Fundação Abrinq, 2024.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. Brasília: MDHC, 2023.
- PARANÁ. Protocolo de Atendimento às Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual. Francisco Beltrão: Prefeitura Municipal, 2018.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Saúde do Paraná. Protocolo para o Atendimento às Pessoas em Situação de Violência Sexual. Curitiba: SESA, 2017



FLUXOGRAMA VIVO: TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PROTEÇÃO

Autores: Emanuelli Cristina Borla; Gabriela Santos Noronha; Gabrieli de Ros; Gabriella Dal Pra Hellmann; Karol Rosiana Krindges de Oliveira Evangelista; Nathiéli Batistela; Pedro Otávio Siqueira

Essa atividade proporcionará a criação de um fluxograma vivo em grupo que os participantes deverão analisar o estudo de caso recebido e os serviços que participam da atuação em casos de suspeita de abuso sexual, após a análise deverão organizar em ordem de ação os participantes da rede de proteção e compreender a importância de todos esses órgãos, principalmente dos profissionais de saúde em reconhecer os sinais de abuso e agir de forma correta diante dessas situações, sempre priorizando o bem-estar e a segurança das crianças e adolescentes. Conforme o Protocolo Estadual do Paraná (Paraná, 2017), o uso de um fluxograma de atendimento ajuda a orientar os profissionais sobre como agir, garantindo agilidade, segurança e encaminhamento correto da vítima.

Recursos necessários: papel impresso com o estudo de caso; papel sulfite e cartolina, canetas, barbante, canetinhas, fita, tesoura, papel de rascunho para escreverem suas ideias.

Referências:

- FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Cenário da infância e adolescência no Brasil 2024. São Paulo: Fundação Abrinq, 2024.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. Brasília: MDHC, 2023.
- PARANÁ. Protocolo de Atendimento às Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual. Francisco Beltrão: Prefeitura Municipal, 2018.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Saúde do Paraná. Protocolo para o Atendimento às Pessoas em Situação de Violência Sexual. Curitiba: SESA, 2017

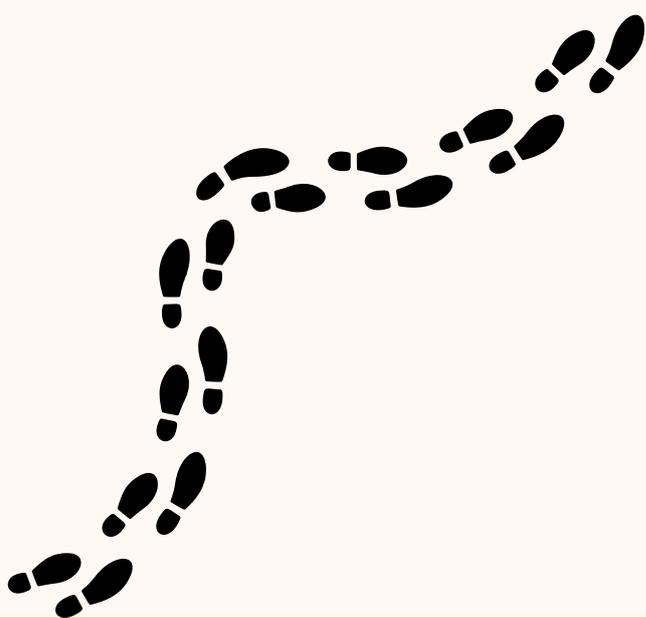


FLUXOGRAMA VIVO: TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PROTEÇÃO

Autores: Emanuelli Cristina Borla; Gabriela Santos Noronha; Gabrieli de Ros; Gabriella Dal Pra Hellmann; Karol Rosiana Krindges de Oliveira Evangelista; Nathiéli Batistela; Pedro Otávio Siqueira

Sugestão de uso:

- Imprimir o nome dos serviços em papéis (sugestão de tamanho: folha A4 dividida ao meio- 2 serviços por folha)
- Cada grupo deve montar seu caminho de atendimento utilizando a forma visual (pode usar barbante para mostrar a ordem, colar em um cartaz na ordem correta) usando a criatividade para depois apresentar o que foi produzido.



Referências:

FUNDAÇÃO ABRINQ PELOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Cenário da infância e adolescência no Brasil 2024. São Paulo: Fundação Abrinq, 2024.
BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. Brasília: MDHC, 2023.
FRANCISCO BELTRÃO. Prefeitura Municipal. Protocolo de Atendimento às Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual. Francisco Beltrão: Prefeitura Municipal, 2018.
PARANÁ. Secretaria de Estado da Saúde. Protocolo para o Atendimento às Pessoas em Situação de Violência Sexual. Curitiba: SESA, 2017

PROCEDIMENTOS

Início

Receber os profissionais de saúde e no momento da acolhida estabelecer um vínculo com os participantes, se apresentando e pedindo que eles se apresentem. Após o momento inicial pedir para que eles se dividam em grupos (no máximo 5 pessoas). Após a divisão explique para os participantes como funcionará a atividade prática. A atividade possibilitará a montagem de um fluxograma vivo de atendimento à crianças ou adolescentes vítimas de abusos sexuais que se direcionam para os serviços de saúde da atenção básica e no atendimento são identificados sinais de abuso, cujos profissionais devem agir sobre essa suspeita para garantir a saúde e proteção da vítima.

Desenvolvimento

Cada grupo receberá a um caso fictício (apresentado nas páginas seguintes) contendo detalhes sobre a vítima e o contexto da situação apresentada. Também deverão receber uma impressão com todos os serviços e ações que irão compor a rede de atendimento (UBS; serviço social da UBS; notificação compulsória; conselho tutelar; CAPS i ou serviço psicológico especializado; IML/serviço de exame pericial; delegacia; CREAS; ministério público/vara da infância e da juventude).

PROCEDIMENTOS

Desenvolvimento

No segundo momento os grupos terão como objetivo discutir o caso recebido e refletir sobre a ordem correta dos serviços, instituições e ações.

Com o apoio de materiais como cartazes, fitas ou outros elementos disponíveis, cada grupo irá montar um fluxograma, representando o caminho que o caso deverá seguir na rede de atendimento. Essa prática deverá ser visual e permitirá que os participantes expressem a sua criatividade além de proporcionar um momento de reflexão em conjunto.

Fechamento

Após a devida distribuição do caso entre os profissionais responsáveis e a elaboração do fluxograma correspondente, conforme previamente solicitado, cada grupo deverá apresentar e expor detalhadamente a estrutura de seu fluxograma. Além disso, será necessário justificar, de maneira fundamentada, as decisões tomadas em relação aos encaminhamentos propostos, considerando os aspectos técnicos, éticos e procedimentais pertinentes à situação analisada.

Após a apresentação dos grupos, poderá ser compartilhado o gabarito do estudo do caso (exemplificado nas páginas seguintes) que corresponde aos encaminhamentos coerentes, conforme protocolos, para atendimento de crianças e adolescentes vítimas ou suspeitas de violência sexual.

PROCEDIMENTOS

CASO

Ana Vitória tem 9 anos e mora com sua mãe e seu padrasto. A mãe trabalha em dois locais diferentes e passa todo o dia e parte da noite fora de casa deixando sua filha sozinha com o padrasto, os dois tendo uma relação aparentemente distante. Há poucos dias, a menina começou a se queixar de dores fortes ao urinar e passou a evitar ir ao banheiro. A progenitora ao ouvir as reclamações da filha acreditou que a mesma estaria com infecção de bexiga e resolveu levar ela em uma UBS do bairro.

Durante o momento da anamnese, o profissional de saúde notou que Ana evita contato visual, demonstra sinais de desconforto ao responder as perguntas e não quer que a mãe esteja presente na sala. Ao realizar um exame físico inicial a menina diz que “arde muito lá embaixo” e que “não gosta de ficar em casa sem a sua mãe”, ao examinar a criança o profissional percebe que ela apresenta vermelhidão na região genital. A mãe relata que “a menina tem andado muito estranha” e que “não tem paciência e nem tempo para essas manhãs”.

O profissional que atendeu considera a possibilidade de abuso sexual e aciona o protocolo de suspeita, com registro em prontuário e encaminhamento.





PROCEDIMENTOS

Gabarito da atividade

1. UBS: é a porta de entrada municipal, ocorre um momento de acolhimento da vítima (o acolhimento da pessoa em situação de violência sexual deve permear todos os locais e momentos de produção do cuidado).
2. Atendimento Clínico: O levantamento de dados do abuso deverá ser o mais breve e pontual possível. Não devem ser emitidas opiniões próprias ou levantar “curiosidades pessoais” sem interesse clínico. Deverá ser feito um levantamento de questões que contribuíram para o processo (detalhamento da violência, forma clínica, pessoal e tipo). Exame físico completo, descrição das lesões (contendo temporalidade e localização específica), descrição de vestígios e outros achados do exame, identificação dos profissionais que atenderam a vítima, preenchimento da ficha de notificação compulsória de violência doméstica, sexual e outras violências.
3. Notificação dos casos: a violência sexual e a tentativa de suicídio passam a ter notificação imediata (24 horas) para a Secretaria Municipal de Saúde.
4. Conselho Tutelar: avalia a situação de risco, toma medidas de proteção imediata (afastar o agressor). Encaminha para o CREAS, serviços psicológicos, e aciona o ministério público se necessário. É o principal órgão de defesa dos direitos da criança e do adolescente, tem poder legal para intervir na guarda, convivência familiar, e em encaminhamentos jurídicos.
5. Recursos Humanos: equipe dos Serviços de Referência para Atenção Integral às pessoas em situação de violência sexual, sendo: médico clínico ou médico em especialidades cirúrgicas; enfermeiro; técnico em enfermagem; psicólogo; assistente social; e farmacêutico.



PROCEDIMENTOS

6. Solicitação e coleta de exames: objetivo de identificação de alguma alteração no organismo ou corpo do indivíduo, sendo exames de: sangue, bacterioscópico, forenses, laboratoriais.

7. Delegacia: instaura inquérito policial, recebe denúncias, pode solicitar medidas protetivas e outras ações judiciais. A denúncia formal é o primeiro passo para responsabilização do agressor, ação deve ser feita com prioridade e cuidado em casos com vítimas menores de idade.

8. CREAS: atendimento social especializado às vítimas e familiares, avaliação de capacidade protetiva da mãe/responsável, articulação com medidas socioeducativas e jurídicos. Atua na proteção integral e acompanhamento prolongado, pode indicar a necessidade de abrigo, medidas judiciais ou acompanhamento familiar.

9. Ministério Público/Vara da Infância e da Juventude: intervém quando há risco grave ou violação dos direitos da criança. O Ministério pode abrir ação de proteção ou responsabilização criminal. A Vara da Infância define medidas protetivas legais. Garante que as medidas legais sejam aplicadas e atua quando o conselho tutelar identifica que as medidas administrativas não são suficientes.

Fonte: Protocolo de Atendimento às Crianças e Adolescentes em Situação de Violência Sexual. Francisco Beltrão: Prefeitura Municipal, 2018. Disponível em: <https://shre.ink/franciscobeltrao>



SUORTE AOS PROFISSIONAIS DA REDE DE PROTEÇÃO

Autores: Natalia de Lima, Camilla Battistella, Thais de Oliveira, Ingrid Alberton e Maria Eduarda Venson

Introdução

Os profissionais da rede de proteção devem garantir os direitos das crianças/adolescentes, estruturar cada órgão, setor, programa ou serviço de forma a oferecer um atendimento prioritário, especializado e de qualidade para os casos que envolvem crianças, adolescentes e suas famílias, promovendo também iniciativas que garantam a preservação de sua imagem e identidade nos meios de comunicação, em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente e respeitando sua condição de pessoas em desenvolvimento (BRASIL, 2020). No entanto, a pressão associada a essa função pode sobrecarregar os profissionais e prejudicar a qualidade de sua atuação junto à população atendida.

Quem pode desenvolver esta prática?

Psicólogos/as, assistentes sociais, profissionais da saúde, orientador social, visitador social.

Público-alvo:

Profissionais da rede de proteção (professores e educadores, psicólogos, profissionais da saúde, conselheiros tutelares, assistentes e visitadores sociais).

Objetivo: Promover um espaço de comunicação e acolhimento para profissionais da rede de proteção, garantindo o atendimento qualificado para as vítimas de violência.

Recursos necessários:

Painel ou quadro, post-it, canetas, cadeiras.

Referências:

BRASIL. Ministério Público do Estado do Paraná. Cautelas importantes para o adequado funcionamento da Rede de Proteção. [S.l.: s.n.], 2020.

PROCEDIMENTOS

Início	<p>Os profissionais deverão ser posicionados em círculo e o facilitador fará uma fala de abertura, informando como funcionará o encontro. Então, orientará que escrevam em um post-it uma ou mais frases completando a expressão “eu já não aguento mais...”. A escrita deverá ser de forma anônima, caso assim prefiram. Os participantes deverão ser estimulados a compartilhar seus sofrimentos, dificuldades no cotidiano, a pressão que sentem,</p>
Desenvolvimento	<p>Esses post-it serão expostos em um quadro ou painel coletivo, e deverá ser feita uma roda de conversa. O facilitador poderá começar o diálogo pedindo para que compartilhem o que cada um escreveu no post- it, e perguntas como: “Como você se sente aqui?”.</p> <p>Após esse momento, será feita uma nova rodada de post-it respondendo as perguntas: “Mesmo com tudo isso, por que ainda estou aqui?” “O que eu preciso para continuar?”</p> <p>Em seguida, o facilitador continuará instigando para que compartilhem as novas respostas, a fim de explorar outras perspectivas e possibilidades.</p>
Fechamento	<p>Essas respostas serão coladas no mural ao lado das frases iniciais, em contraposição aos post-it iniciais. Essa dinâmica pode ajudar os profissionais a se identificarem uns com os outros e reconhecerem que não sofrem sozinhos.</p>



UNIPAR

PROCESSOS GRUPAIS | PSICOLOGIA | FRANCISCO BELTRÃO